



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**

RESOLUÇÃO – CEPEC Nº 1306

Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física, grau acadêmico Licenciatura, modalidade a distância – PARFOR, vinculado à Faculdade de Educação Física, para os alunos ingressos a partir de 2011.

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, reunido em sessão plenária realizada no dia 11 de julho de 2014, tendo em vista o que consta do processo nº 23070.004123/2010-71, e considerando:

- a) a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB 9.394/96);
- b) as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Educação Física;
- c) o Decreto Federal nº 6755/09;
- d) a Resolução CNE/CP nº 1/2002 e 2/2002;
- e) a Lei Federal nº 11.778/08;
- f) o Regimento e o Estatuto da UFG;
- g) a Resolução CEPEC nº 631/2005;
- h) a Resolução CEPEC nº 731/2005;
- i) o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFG;
- j) o Decreto Federal nº 5.626/05.

RESOLVE:

Art. 1º Aprovar o Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física, grau Licenciatura, modalidade a distância - PARFOR, vinculado à Faculdade de Educação Física, para os alunos ingressos a partir do ano letivo de 2011, na forma do Anexo A desta Resolução.

Art. 2º Esta resolução entra em vigor nesta data, revogando-se as disposições em contrário.

Goiânia, 11 de julho de 2014

Prof. Orlando Afonso Valle do Amaral
- Reitor -

ANEXO À RESOLUÇÃO - CEPEC Nº 1306

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA -
LICENCIATURA, NA MODALIDADE A DISTÂNCIA - PARFOR**

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA - FEF

Prof^a. Anegleyce Teodoro Rodrigues – Diretora

Prof^a. Maria Sebastiana Silva – Vice-Diretora

Prof. Ari Lazzarotti Filho - Coordenador do Curso de Educação Física

-Licenciatura-EaD-PARFOR-FEF

Prof^a. Marília de Goyaz - Coordenadora Adjunta UAB/UFG

Ana Caruline de Souza Castro - Coordenadora Administrativa da FEF

2013/2014

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO DO PROJETO.....	04
1.1	Dados Gerais.....	04
2	INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA.....	04
3	EXPECTATIVA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	07
3.1	Perfil do Curso.....	07
3.2	Perfil do Aluno.....	08
4	O OBJETIVO DO CURSO.....	08
5	COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO EGRESSO.....	09
6	PRINCÍPIOS NORTEADORES DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL.....	09
7	ESTRUTURA CURRICULAR E CARACTERIZAÇÃO GERAL DA FORMAÇÃO.....	10
8	MATRIZ CURRICULAR, COMPOSIÇÃO E DINÂMICA DAS DISCIPLINAS O CURSO E EMENTAS.....	10
8.1	Matriz Curricular.....	10
8.2	Fluxo das Unidades Temáticas e Temas Geradores Dentro do Programa de Integralização Curricular Organizado em Períodos/Semestres Letivos.....	12
8.3	Ementas das Disciplinas.....	13
9	DINÂMICA ORGANIZACIONAL DE ATIVIDADES PRESENCIAIS E A DISTÂNCIA.....	35
9.1	Dinâmica de Atividades a Distância.....	36
9.2	Dinâmica das atividades Presenciais.....	38
10	ATRIBUIÇÕES E RELAÇÕES DE TRABALHO.....	38
11	POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVA (FORMAÇÃO DOS PROFESSORES-AUTORES, PROFESSORES FORMADORES, ORIENTADORES ACADÊMICOS, TUTORES PRESENCIAIS E PESSOAL DE APOIO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO).....	40
12	RECURSOS DIDÁTICOS E FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO.....	41
12.1	Laboratórios Pedagógicos.....	42
13	A POLÍTICA E GESTÃO DO ESTÁGIO.....	45
13.1	Estágio Curricular Obrigatório.....	45
13.2	Estágio Curricular Não Obrigatório.....	47
14	PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR – PPC.....	48
15	ATIVIDADES COMPLEMENTARES.....	49
16	AVALIAÇÃO.....	49
16.1	Avaliação da Aprendizagem.....	49
16.2	Sistema de Avaliação do Projeto do Curso.....	50
17	A INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO.....	51
18	PROFESSORES DA UAB-UFG VINCULADOS À FEF/UFG E SUAS RESPECTIVAS TITULAÇÕES.....	51
19	REFERÊNCIAS.....	52

1 APRESENTAÇÃO DO PROJETO

1.1 Dados Gerais

ÁREA DE CONHECIMENTO: Educação Física.

MODALIDADE: a distância.

CURSO: Educação Física.

TÍTULO A SER CONFERIDO (HABILITAÇÃO): Licenciatura.

UNIDADE RESPONSÁVEL PELO CURSO: Faculdade de Educação Física -
diretoria.fef.ufg@gmail.com -
Campus II – Samambaia – Goiânia-Goiás – CEP 74001-970 – Caixa Postal 131 -
Telefones: 62-35211759/35211141.

CARGA HORÁRIA DO CURSO: 2872 horas.

TURNO DE FUNCIONAMENTO: Por se tratar de Educação a Distância não é possível definir o turno de funcionamento, mas os Encontros Presenciais serão realizados preferencialmente nas sextas-feiras no período da noite e nos finais de semana nos períodos da manhã e da tarde (eventualmente podem ser realizados em feriados).

NÚMERO DE VAGAS: 270.

FORMA DE ACESSO AO CURSO: seleção dos inscritos na Plataforma Freire com a validação das Secretarias de Educação e confirmação da UFG.

POLOS DE APOIO PRESENCIAL: Alexânia, Formosa, Goianésia, São Simão e Uruana.

ATO DE CREDENCIAMENTO DA UFG E DOS POLOS DO CURSO: Portaria 1369, de 07 de dezembro de 2010.

VINCULAÇÃO DA UFG AO SISTEMA UAB: Participação no Edital de seleção nº 01/2005-SEED/MEC; autorizado pela Portaria 873-MEC, de 07 de junho de 2006.

2 INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

Trata-se do projeto pedagógico do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Goiás (UFG) na modalidade de ensino à distância, do PARFOR – Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, observando-se o disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, e suas alterações e regulamentações; as Diretrizes Curriculares do Conselho Nacional de Educação (CNE); o Decreto 6755, de 29 de janeiro de 2009; nas Resoluções nº 01, 02, 27 e 28/CNE e no Parecer nº 09/CNE, que tratam da formação de professores para a educação básica; na Resolução nº 07/CNE e no Parecer nº 158/CNE, que tratam da formação profissional específica do curso de Educação Física; no Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, do Ministério da Educação (MEC); no art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional; da Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes; na Resolução nº 06/2002, do Conselho Universitário (CONSUNI) da UFG, que cria o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação (RGCG); na Resolução nº 004, do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura (CEPEC) da UFG, que estabelece a nova política de formação de professores na UFG; no próprio Estatuto da UFG; e no PDI/UFG – Plano de Desenvolvimento Institucional da UFG (em http://www.prodirh.ufg.br/uploads/64/original_PROJETOPDI_04_06_12.pdf).

O projeto pedagógico do curso de Licenciatura em Educação Física – PARFOR, da UFG, na modalidade de ensino à distância, guarda relação direta com o curso presencial de

Licenciatura em Educação Física da UFG, criado em 01 de setembro de 1988 por meio da Resolução nº 283 do então Conselho Coordenador de Ensino e Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, e reconhecido pelo MEC em 27 de dezembro de 1994, conforme disposto na Portaria nº 1.811, publicada no Diário Oficial da União (DOU), de 28 de dezembro de 1994. Este teve como finalidade implementar uma proposta progressista na formação de professores, com inserção qualitativa na escola e nas demais práticas educativas, pedagógicas e sociais que envolvem as práticas corporais na sociedade.

Tendo como referência a produção de conhecimento acadêmico e as pesquisas resultantes da intervenção social, o curso de Licenciatura em Educação Física da UFG, além de fortalecer a prática da Educação Física na escola, também oferece oportunidades para a formação direcionada para outros espaços sociais. Mesmo que os compromissos históricos estejam vinculados à formação de professores para intervir nas escolas e na educação, dentro da perspectiva generalista e das necessidades colocadas pelo mundo social, esta formação docente também transpõe a prática das atividades corporais para além dos muros do sistema educacional, possibilitando, com isso, uma ação político-pedagógica diferenciada nos demais campos de intervenção profissional relacionados ao esporte, ao lazer, à saúde e às políticas públicas.

Destaca-se ainda que, logo após o início das primeiras turmas do curso de Licenciatura em Educação Física da UFG em Goiânia, foram implantadas novas turmas nos *campi* avançados da UFG em Catalão (1990) e em Jataí (1992). Esse movimento de expansão manteve toda a configuração curricular e as orientações pedagógicas e institucionais sob a coordenação político-pedagógica de Goiânia. As vagas para o curso, desde então, perfazem 160, anualmente, com ingresso por meio do concurso vestibular, sendo distribuídas 40 para o campus em Catalão, 40 para o campus em Jataí, e, ainda, 40 no turno matutino e 40 no turno vespertino para o campus em Goiânia.

Seguindo a experiência de expansão, mas mantendo-se os princípios do projeto já consolidados no ensino presencial e as necessidades instituídas pelas demandas sociais regionais, introduzimos a modalidade de ensino à distância, com base no PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional da UFG, com a abertura de nove turmas do projeto UAB II e, agora, com esse novo projeto buscamos a qualificação de profissionais docentes em Educação Física no PARFOR.

Dentre os polos aprovados pelo MEC no edital do PARFOR, após visitas de verificação das condições dos mesmos para a abertura do curso, a FEF/UFG optou por ofertar as primeiras turmas nos polos das cidades de: Alexânia, Formosa, Goianésia, São Simão e Uruana. Considerando as especificidades do curso, a oferta de cada polo é de turmas composta por 50 (cinquenta) alunos. O ingresso no curso visa atender à demanda social por meio de seleção realizada pela Universidade através dos editais 010/2010, 017/2010 e 078/2010/DAA/PROGRAD. Após a seleção realizada na Plataforma Freire/MEC e a aprovação dos inscritos pelas secretarias de educação do Estado e dos Municípios esses números foram alterados em alguns polos. Para a primeira oferta nesses cinco polos, serão abertas 270 vagas ao todo para atender à demanda apresentada.

Por se tratar de educação em rede o curso prevê flexibilidade de horário para a realização das atividades online, não havendo um horário predeterminado para isso. No entanto, serão realizados encontros presenciais nos polos em períodos programados pela coordenação do curso, exigindo a presença e participação dos alunos. Esses encontros serão realizados preferencialmente nas sextas-feiras, no período noturno e em sábados nos períodos da manhã, tarde e da noite. Eventualmente poderão ser realizados alguns encontros em domingos e feriados. Também há possibilidade de alguns encontros serem realizados em Goiânia, dependendo do tipo de exigências para as aulas, como espaços específicos e equipamentos não disponíveis nos polos.

A publicação da LDB estabeleceu através de seu artigo 87 a exigência de formação em nível superior para os professores que atuassem na educação básica. Mais que isso, a lei instituiu em suas disposições transitórias o decênio de 1997 a 2007 como a década da educação. Ao final desse período, só seriam admitidos “professores habilitados em nível superior”, conforme diz o texto da lei.

Desde então, o número de professores da educação básica com nível superior completo foi progressiva e consideravelmente aumentando. Na ocasião da promulgação da lei, estimava-se que apenas 20% dos professores de pré-escolas e do primeiro segmento do ensino fundamental no país possuíam diploma de nível superior. Mais precisamente, de acordo com dados do Censo Escolar, em 1998, havia 172.715 professores com nível superior lecionando em turmas do primeiro segmento do ensino fundamental. Quase dez anos depois, em 2006, esse número era de 423.994 docentes. No mesmo período, paralelamente, houve também uma diminuição do número de docentes com nível fundamental incompleto atuando nas primeiras séries do ensino fundamental. Em 1998, havia 44.335 professores nesta situação, já em 2006, registraram-se apenas 297 professores em exercício nas escolas públicas estaduais e municipais brasileiras sem formação adequada à LDB.

Apesar de todo avanço, 658 mil professores de creches, pré-escolas ou dos primeiros anos do ensino fundamental continuavam dando aula apenas com a formação média. Em 2009, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) divulgou estudo em que se constatara que um quinto dos professores do país ainda não tinha diploma universitário. Entre os que atuam no segundo segmento do ensino fundamental, especificamente, essa proporção é de aproximadamente um terço do total. São docentes sem formação em licenciatura, que demandam esforços no sentido de garantir-lhes a capacitação. Em Goiás, segundo dados da Secretaria de Educação do estado, havia um total de 45.616 professores sem formação superior atuando até o ano 2000. Até 2006 houve significativo decréscimo desse número, que passou a girar em torno dos 19.000 professores, que apesar do esforço, representa ainda um número bastante significativo.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), mais de nove milhões de estudantes cursam o Ensino Médio no Brasil, e a demanda por vagas vem crescendo num ritmo acelerado, apresentando um crescimento de 84% nos últimos 10 anos. Observa-se que a tendência é de que a mesma continue aumentando, principalmente porque há um grande contingente de pessoas que poderá retornar aos estudos após anos fora da sala de aula.

Com este aumento, verifica-se a necessidade de ampliar o quadro de docentes no ensino médio, o que acaba não acontecendo, criando, pois, um vácuo entre a quantidade de alunos e, professores que muitas vezes não possuem a formação adequada. De acordo com o INEP, o Brasil precisa de cerca de 250 mil professores para o segundo ciclo do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio.

No documento *Pró-Licenciatura: propostas conceituais e metodológicas* é apresentado um quadro onde consta a informação de que cerca de 184.000 funções docentes dos anos/séries finais do Ensino Fundamental da rede pública em todo o país são ocupadas por profissionais sem a formação legal exigida para a função. Esses dados equivalem, em termos absolutos, a 26% das funções docentes do Brasil, e, em algumas regiões, como, por exemplo, a Norte, esse número corresponde a 50,56% das funções docentes sem habilitação específica.

No caso do Ensino Médio, houve um crescimento de 70,75% no número de matrículas, o qual não foi acompanhado pelo crescimento de contratações de professores para esse nível de escolarização. O descompasso entre o número de matrículas e o número de professores disponíveis para o trabalho e sua formação são os aspectos centrais da política de formação de professores em serviço do Governo Federal, que está inserida num plano emergencial com 10 ações para a formação de professores da Educação Básica.

Nesse sentido, o curso de Licenciatura em Educação Física da UFG na modalidade de ensino à distância ora proposto se justifica pela grande demanda por professores de Educação Física que atuem na Educação Básica das redes públicas no interior do Estado de Goiás, pois há uma relativa deficiência na formação de professores de Educação Física na rede pública de ensino estimada em 400 vagas, ao mesmo tempo em que a demanda por profissionais formados para os campos de atuação no esporte e no lazer nos polos atendidos amplia.

Além disso, deve ser salientado que a Educação Física, como componente curricular, é uma disciplina fundamental na formação da cidadania e no desenvolvimento humano, uma vez que contribui para a construção de um mundo melhor e dedicado à humanidade do sujeito social, o que exige um conjunto de competências por parte dos professores de Educação Física que atuam na Educação Básica. Nesse sentido, possuir competências significa compreender a dimensão do trabalho humano como práxis transformadora na escola e, nesta práxis, as tarefas cotidianas devem estar sintonizadas com a troca de conhecimento e de saber sócio-cultural entre parceiros, na busca de maior humanização das relações de trabalho. Possuir competências significa dominar as ações da docência em sentido particular e relacional entre professor e aluno, tendo em mente o estabelecimento de relações de aprendizagem voltadas para o pensamento crítico e autônomo. Possuir competências consiste em agir no mundo, tomando como ponto de partida a realidade em que o sujeito vive, seus problemas, suas particularidades e suas articulações com o todo, para então construir efetivamente as novas possibilidades de alteração da realidade.

Acredita-se que, por meio de homens e mulheres humanamente conscientes, é possível construir uma educação verdadeiramente democrática, um avanço científico plenamente articulado com as forças produtivas, mediadas por parâmetros de participação social, e plenamente compromissada com o futuro da cidade, do Estado e da humanidade. É preciso pensar a formação profissional em plena sintonia com a autonomia constitucionalmente atribuída às Universidades brasileiras. Tal pré-condição exige que a reflexão e a crítica estejam constantemente presentes nos debates sobre os reais significados do papel que a instituição universidade, em especial a Universidade Federal de Goiás e a Faculdade de Educação Física, exerce sobre os indivíduos em formação.

Assi, o projeto político-pedagógico do curso de Licenciatura em Educação Física da UFG na modalidade de ensino à distância foi elaborado para promover a formação de professores com competência técnico-científica, compromisso político e sensibilidade ética, e se insere no esforço promovido pela educação brasileira para a melhoria da qualidade do ensino na Educação Básica.

3 EXPECTATIVA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

3.1 Perfil do Curso

Para a Faculdade de Educação Física da UFG, a formação da docência possui uma natureza própria, que advém da inter-relação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, e está plenamente vinculada ao saber e ao fazer, à teoria e à prática, à pesquisa e à intervenção educativa nas diferentes tarefas e dimensões do homem, mediada pela corporalidade humana, em seu sentido pessoal e coletivo social, ora denominada Educação Física. Formar professores significa delinear um tipo de intelectual público que deve lidar com a corporalidade humana em seu aspecto concreto e sensível, técnico e estético, com o objetivo de promover transformações no comportamento e nos valores políticos e morais das novas gerações, para garantir a paz e o desenvolvimento de valores humanos com ética no país. Com profissionais sociais capacitados para tarefas de interesse público, é certamente possível garantir novas possibilidades de pensar as realidades: intelectual, corporal, moral, política e ética de crianças, jovens e adultos, diferentemente dos projetos oficiais atuais.

3.2 Perfil do Aluno

Mais do que nunca, o processo educacional deve preparar indivíduos que assumam papéis sociais relacionados à vida coletiva, à reprodução das condições de existência, ao comportamento justo na vida pública e ao uso adequado e responsável de conhecimentos e habilidades disponíveis no tempo e nos espaços em que a vida dos indivíduos se realiza. Portanto, urge preparar sujeitos com esse perfil. Capazes de agir com competência dentro de situações vivenciais e em contextos sócio-culturais nos quais realiza a sua vida coletiva. Construir projetos de formação para a docência profissional, tão necessários à educação, pressupõe, portanto, formar homens e mulheres capazes de intervir na realidade a partir de parâmetros que forneçam condições para tanto, especialmente se forem mediados pela reflexão crítica sobre a estrutura, a organização e o funcionamento do ensino na sociedade, tendo sempre em vista a alteração do perfil humano dos professores e dos educandos.

4 O OBJETIVO DO CURSO

O curso de Licenciatura em Educação Física da UFG, na modalidade de ensino à distância, objetiva formar professores com capacidade para atuar nas diferentes manifestações e expressões culturais do movimento humano, com ênfase na produção de conhecimento e no fomento à intervenção acadêmico-profissional no sistema educacional básico e nas práticas educativas de saúde, esporte e lazer social, que interagem historicamente e no cotidiano com a escola, a cultura e a sociedade.

De Forma específica, objetiva-se:

- qualificar pedagógica, técnica e politicamente, professores em exercício na rede pública, graduados em áreas distintas da Educação Física, ou não licenciados, para atuar como professores de Educação Física nas escolas das redes públicas de educação básica do Estado de Goiás;
- propiciar uma formação generalista, que permita a atuação profissional nas escolas e na educação, atendendo às necessidades colocadas pelo mundo social, e possibilitando uma ação político-pedagógica diferenciada nos demais campos de intervenção profissional relacionados ao esporte, ao lazer, à saúde e às políticas públicas;
- possibilitar um processo de reflexão crítica com o intuito de compreender a gênese das existências social e cultural humanas, perpassando a esfera do trabalho, da cultura, da educação, da escola e do saber;
- estimular a formação docente, compreendida como elemento constitutivo do sujeito na formação da cultura elaborada;
- incentivar a atividade criadora, transformadora, e a afirmação da autonomia e da liberdade dos sujeitos em todas as suas dimensões;
- garantir a articulação dos componentes curriculares, fecundando o trabalho educativo, a ação pedagógica e a pesquisa científica;
- promover a inclusão digital dos professores, a fim de prepará-los para o uso das tecnologias de comunicação e informação, e seus respectivos códigos e linguagens;
- organizar o trabalho colaborativo e a construção de redes de aprendizagem de educadores para intercâmbio de experiências, comunicação e produção coletiva de conhecimento.

5 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO EGRESSO

O curso de Licenciatura em Educação Física da UFG, na modalidade de ensino à distância, tem como preocupação a formação docente pautada no desenvolvimento das seguintes competências e habilidades:

- atuar e refletir criticamente acerca de suas funções formadora, pedagógica, científica, política e social;
- atuar nos diferentes espaços e dimensões da Educação Básica, dentro da perspectiva das práxis pedagógica e social;
- desenvolver a atitude científica por meio da pesquisa, da reconstrução do conhecimento e de avaliações sócio-culturais do movimento humano, com foco nas diferentes formas de educação corporal, visando à produção e à ampliação do acervo cultural humano;
- atuar na gestão de políticas educacionais; no trabalho pedagógico; no ensino, aprendizagem, planejamento e avaliação pedagógica; e em projetos educacionais na escola e em outros espaços educativos onde se insere a corporalidade humana;
- atuar no universo da corporalidade humana, sob a perspectiva do ensino crítico e reflexivo, e na produção e reconstrução do saber da educação e da cultura;
- compreender os métodos de produção de conhecimento, objetivando a (re) construção de saberes docentes em Educação Física;
- compreender a complexidade dos processos objetivos e subjetivos de formação e desenvolvimento humanos;
- compreender as relações que permeiam o corpo e suas interfaces com a educação, o lazer, a saúde, a estética, a cultura, o mundo do trabalho e a sociedade;
- desenvolver autonomia intelectual e profissional, possibilitando e fortalecendo a ação interdisciplinar e o trabalho coletivo na educação e na sociedade;
- incorporar as tecnologias de comunicação e informação como mediadores do processo de ensino e aprendizagem.

6 PRINCÍPIOS NORTEADORES DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL

O curso de Licenciatura em Educação Física da UFG, na modalidade de ensino a distância, tem os seguintes princípios norteadores para a formação do perfil docente:

- desenvolvimento pleno do educando, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho;
- formação teórica consistente e interdisciplinar sobre o fenômeno educacional e seus desdobramentos sócio-históricos e culturais;
- unidade teoria-prática, tanto na produção do conhecimento, quanto na organização do saber, entendendo o trabalho como princípio educativo fundamental na escola;
- compromisso social e político do profissional da Educação junto aos demais educadores e movimentos sociais;
- trabalho coletivo pautado na formação de competências político-sociais, ético-morais e técnico-profissionais como referência nuclear da formação docente;
- tratamento interdisciplinar do saber da Educação Física com os demais saberes políticos, científicos, artísticos, culturais, pedagógicos e técnicos necessários à formação de professores e à prática educativa escolar;
- articulação do curso na modalidade de ensino à distância com o curso na modalidade presencial;

- articulação da graduação com a pós-graduação, sob a perspectiva da educação continuada;
- a pesquisa, como dimensão da formação docente e como meio de produção de conhecimento e de intervenção na prática pedagógica e social.

7 ESTRUTURA CURRICULAR E CARACTERIZAÇÃO GERAL DA FORMAÇÃO

O curso de Licenciatura em Educação Física da UFG na modalidade de ensino a distância tem a seguinte estrutura de organização:

- carga horária para integralização: 2872 horas, com duração mínima de 8 e máxima de 14 períodos/semestres letivos.
- prática como componente curricular: 400 horas ao longo do curso, distribuídas entre atividades e disciplinas curriculares.
- estágio supervisionado: 400 horas, a partir do 5º semestre letivo.
- atividades complementares: mínimo de 200 horas
- apresentação de trabalho científico (monográfico) de conclusão de curso.
- eixo epistêmico da formação curricular: práxis entendida como articulação entre teoria e prática, por meio das competências vinculadas ao trabalho docente.
- carga horária:

Núcleo comum: 896 horas.

Núcleo específico: 1776 horas.

Atividades complementares: 200 horas.

Total geral: 2872horas.

***O curso não terá disciplinas de Núcleo Livre**

8 MATRIZ CURRICULAR, COMPOSIÇÃO E DINÂMICA DAS DISCIPLINAS DO CURSO E EMENTAS

8.1 Matriz curricular

Nº	TEMÁTICAS	UNIDADE RESPONS.	PRÉ-REQUIS.	CARGA HORÁRIA			NÚCLEO	NATUREZA
				Teórica	Prática	Total		
1.	INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DE EAD	FEF		32	-	32	NC	OBR
2.	FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E SÓCIO-HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO	FEF		64	-	64	NC	OBR
3.	PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO E DE FORMAÇÃO DOCENTE (TEMA TRANSVERSAL).	FEF		32	-	32	NC	OBR
4.	FUNDAMENTOS SÓCIO-PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA	FEF		64	-	64	NC	OBR
5.	POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL	FEF		64	-	64	NC	OBR
6.	ANTROPOLOGIA DO CORPO	FEF		64	-	64	NC	OBR
7.	PSICOLOGIA EDUCACIONAL	FEF		96	-	96	NC	OBR
8.	ANATOMIA FUNCIONAL DO MOVIMENTO HUMANO	FEF		44	20	64	NC	OBR
9.	SUJEITO, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO FÍSICA.	FEF		64	-	64	NE	OBR
10.	CURRÍCULO E PRÁTICAS ESCOLARES	FEF		64	-	64	NE	OBR
11.	ANATOMIA SISTEMICA	FEF		44	20	64	NC	OBR

12.	FISIOLOGIA APLICADA À EDUCAÇÃO FÍSICA	FEF		44	20	64	NC	OBR
13.	EDUCAÇÃO NUTRICIONAL	FEF		64	-	64	NC	OBR
14.	BIOLOGIA E EDUCAÇÃO	FEF		64	-	64	NC	OBR
15.	EDUCAÇÃO FÍSICA E SAÚDE	FEF		64	-	64	NE	OBR
16.	INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA BIOMECÂNICA DO MOVIMENTO HUMANO	FEF		44	20	64	NE	OBR
17.	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	FEF		64	-	64	NE	OBR
18.	TEORIAS DO ESPORTE	FEF		64	-	64	NE	OBR
19.	GESTÃO E POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E LAZER NO BRASIL	FEF		64	-	64	NE	OBR
20.	INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DO LAZER	FEF		64	-	64	NE	OBR
21.	PESQUISA E ENSINO EM NATAÇÃO	FEF		34	30	64	NE	OBR
22.	PESQUISA E ENSINO EM ATLETISMO	FEF		34	30	64	NE	OBR
23.	PESQUISA E ENSINO EM VOLEIBOL	FEF		34	30	64	NE	OBR
24.	PESQUISA E ENSINO EM BASQUETEBOL	FEF		34	30	64	NE	OBR
25.	PESQUISA E ENSINO EM FUTEBOL	FEF		34	30	64	NE	OBR
26.	PESQUISA E ENSINO EM HANDEBOL	FEF		34	30	64	NE	OBR
27.	FUNDAMENTOS SÓCIO-CULTURAIS DAS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA	FEF		34	30	64	NE	OBR
28.	PESQUISA E ENSINO EM GINÁSTICA ESCOLAR	FEF		34	30	64	NE	OBR
29.	PESQUISA E ENSINO EM DANÇA-EDUCAÇÃO	FEF		34	30	64	NE	OBR
30.	PESQUISA E ENSINO EM JOGOS E BRINCADEIRAS	FEF		44	20	64	NE	OBR
31.	PESQUISA E ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA	FEF		34	30	64	NE	OBR
32.	OFICINA EXPERIMENTAL	FEF		64	-	64	NE	OBR
33.	ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I	FEF		64	36	100	NE	OBR
34.	ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO II	FEF		50	100	150	NE	OBR
35.	ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO III	FEF		50	100	150	NE	OBR
36.	METODOLOGIA E PROD. DE CONHECIMENTOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA	FEF		96	-	96	NC	OBR
37.	NÚCLEOS TEMÁTICOS DE PESQUISA*: 1. Escola e Sociedade; 2. Saúde e Educação; 3. Lazer e Educação; 4. Esporte e Cultura.	FEF		96	-	96	NE	OBR
38.	LIBRAS	FEF		64	-	64	NC	OBR

* Disciplina com oferta de quatro temas de aprofundamento de estudos – o aluno faz opção por apenas um para desenvolver seu trabalho monográfico de final de curso dentro dele.

8.2 Fluxo das Unidades Temáticas e Temas Geradores Dentro do Programa de Integralização Curricular Organizado em Períodos/Semestres Letivos.

1º PERÍODO/SEMESTRE (320 hs)

DISCIPLINAS	NÚCLEO	CH	DEP/UNID
INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DE EAD*	NC	32	FEF
FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E SOCIO-HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO*	NC	64	FEF
PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO E DE FORMAÇÃO DOCENTE (TEMA TRANSVERSAL)*	NC	32	FEF
FUNDAMENTOS SÓCIO-PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA	NC	64	FEF
ANATOMIA FUNCIONAL DO MOVIMENTO HUMANO	NC	64	FEF
PESQUISA E ENSINO EM GINÁSTICA ESCOLAR	NE	64	FEF

*Disciplinas do Módulo Introdutório.

2º PERÍODO/SEMESTRE (320 hs)

DISCIPLINAS	NÚCLEO	CH	DEP/UNID
POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL	NC	64	FEF
PESQUISA E ENSINO EM JOGOS E BRINCADEIRAS	NE	64	FEF
ANATOMIA SISTEMICA	NC	64	FEF
EDUCAÇÃO NUTRICIONAL	NC	64	FEF
PESQUISA E ENSINO EM NATAÇÃO	NE	64	FEF

3º PERÍODO/SEMESTRE (416 hs)

DISCIPLINAS	NÚCLEO	CH	DEP/UNID
PSICOLOGIA EDUCACIONAL	NC	96	FEF
ANTROPOLOGIA DO CORPO	NC	64	FEF
PESQUISA E ENSINO EM ATLETISMO	NE	64	FEF
TEORIAS DO ESPORTE	NE	64	FEF
FISIOLOGIA APLICADA À EDUCAÇÃO FÍSICA	NC	64	FEF
BIOLOGIA E EDUCAÇÃO	NC	64	FEF

4º PERÍODO/SEMESTRE (384 hs)

DISCIPLINAS	NÚCLEO	CH	DEP/UNID
SUJEITO, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO FÍSICA	NE	64	FEF
CURRÍCULO E PRÁTICAS ESCOLARES	NE	64	FEF
PESQUISA E ENSINO EM VOLEIBOL	NE	64	FEF
EDUCAÇÃO FÍSICA E SAÚDE	NE	64	FEF
PESQUISA E ENSINO EM DANÇA-EDUCAÇÃO	NE	64	FEF
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	NE	64	FEF

5º PERÍODO/SEMESTRE
(356 hs)

DISCIPLINAS	NÚCLEO	CH	DEP/UNID
INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA BIOMECÂNICA DO MOVIMENTO HUMANO	NC	64	FEF
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I	NE	100	FEF
PESQUISA E ENSINO EM FUTEBOL	NE	64	FEF
FUNDAMENTOS SÓCIO-CULTURAIS DAS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA	NE	64	FEF
LIBRAS	NC	64	FEF

6º PERÍODO/SEMESTRE
(342 hs)

DISCIPLINAS	NÚCLEO	CH	DEP/UNID
INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DO LAZER	NE	64	FEF
GESTÃO E POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E LAZER NO BRASIL	NE	64	FEF
PESQUISA E ENSINO EM BASQUETEBOL	NE	64	FEF
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO II	NE	150	FEF

7º PERÍODO/SEMESTRE
(342 hs)

DISCIPLINAS	NÚCLEO	CH	DEP/UNID
OFICINA EXPERIMENTAL	NE	64	FEF
PESQUISA E ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA	NE	64	FEF
PESQUISA E ENSINO EM HANDEBOL	NE	64	FEF
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO III	NE	150	FEF

8º PERÍODO/SEMESTRE
(192 hs)

DISCIPLINAS	NÚCLEO	CH	DEP/UNID
METODOLOGIA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA	NE	96	FEF
NÚCLEOS TEMÁTICOS DE PESQUISA* 1. Escola e Sociedade 2. Saúde e Educação 3. Lazer e Educação 4. Esporte e Cultura * O aluno deverá optar por apenas um	NE	96	FEF
ATIVIDADES COMPLEMENTARES		200 RAS	

8.3 Ementa das Disciplinas

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DE EAD

Ementa: Fundamentos teóricos da EAD, histórico, evolução, conceitos, características, vantagens e desvantagens, ambientes Virtuais de Aprendizagem, legislação, qualidade, avaliação e utilização em diversos contextos educacionais, corporativos e na educação continuada. O papel dos sujeitos do processo de ensino-aprendizagem na Educação a Distância e a interatividade.

Bibliografia Básica:

BARBOSA, R. M. Ambientes virtuais de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BELLONI, M. L. Educação a distância. 4ª ed. São Paulo: Autores Associados, 2003. Credenciamento para educação a distância. Disponível em http://www.besf.com.br/malas_diretas/credenciamento_EaD/credenciamento_EaD_web.

GOZALES, M. Fundamentos da tutoria em educação a distância. São Paulo: Avercamp, 2005.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, M.E. B. Formando professores para atuar em ambientes virtuais de aprendizagem. In: ALMEIDA, F. J. (coord.) Projeto Nave. Educação a distância. Formação de professores em ambientes virtuais e colaborativos de aprendizagem. São Paulo, 2001.

AZEVEDDO, W. Muito além do jardim de infância: temas de educação on-line. Rio de Janeiro: Armazém Digital, 2005.

BALLALAI, R. (Org.) Educação a distância. Niterói: GRAFCEN, 1991.

CHAVES, E. O. C. Educação a distância, aprendizagem a distância, ensino a distância. Disponível em <http://edutec.net/>.

LOBO NETO, Francisco José da Silveira (Org.) Educação a distância: Referências e trajetórias. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia e Educação.

MORAN, J. M. O que é educação a distância. 2003.

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E SÓCIO-HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO

Ementa: A educação como processo social; a educação brasileira na experiência histórica do ocidente; a ideologia liberal e os princípios da educação pública; sociedade, cultura e educação no Brasil; os movimentos educacionais e a luta pelo ensino público no Brasil, a relação entre as esferas pública e privada no campo da educação e os movimentos de educação popular.

Bibliografia Básica:

GERMANO, José Willington. Estado Militar e Educação no Brasil: 1964 – 1985. São Paulo: UNICAMP/Cortez, 1993.

HOFFMANN, Jussara. Pontos e contrapontos. Porto Alegre: Mediação, 1988.

PATTO, Maria Helena S. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1993.

Bibliografia Complementar:

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, J. C. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, Pierre. Coleção os Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educação Popular. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COELHO, Ideu Moreira. Realidade e utopia na construção da universidade. Goiânia: Memorial. 2. ed. UFG, 1999.

DELORS, Jacques et al. Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez: Brasília: MEC, UNESCO, 1998. [Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI].

DURKHEIM, Emile. Educação e Sociologia. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

EVANGELISTA, Ely Guimarães dos Santos. Educação e Mundialização. Goiânia: UFG, 1997.

GONDRA, J. G. & SCHUELER, A. Educação, poder e sociedade no império brasileiro. São Paulo: Cortez, 2008.

NOVOA, Antonio. (org.). Profissão professor. Porto: Porto Editora LDA, 1995.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira F. História da Educação no Brasil (1930 – 1945). Petrópolis: Vozes, 1994.

FUNDAMENTOS SÓCIO-PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ementa: Estudo da Educação como processo social no ocidente. Estudo das tendências pedagógicas no campo da Educação Física no Brasil. Elementos socio-filosóficos de análise da realidade da Educação e da Educação Física brasileiras na contemporaneidade.

Bibliografia Básica:

BRACHT, Valter; FERREIRA NETO, Amarílio; GOELLNER, Silvana Vilodre. As ciências do esporte no Brasil. Campinas: Autores Associados, 1995.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Filosofia da Educação: construindo a cidadania. São Paulo: FTD, 1994.

Bibliografia Complementar:

BRACHT, Valter. Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí: Unijuí, 1999.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, J. C. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CASTELLANI FILHO, Lino. Educação física/ciências do esporte no Brasil hoje: pelos meandros da educação física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Maringá, v. 14, n. 3, p. 119-125, mai. 1993.

CASTELLANI FILHO, Lino. Classes de aceleração: uma proposta pedagógica para a educação física. In: Política educacional e educação física. Campinas: Autores Associados, 1998.

DELORS, Jacques et al. Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez: Brasília: MEC, UNESCO, 1998. [Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI].

- FERREIRA NETO, Amarílio. Projeto militar na educação física. In: _____ (Org.). Pesquisa histórica na educação física. v. 2. Vitória: UFES/CEFD, 1997.
- PAULINO, Ana Flávia Borges e PEREIRA, Wander. Estado Militar e Educação no Brasil: 1964 – 1985. São Paulo: UNICAMP/Cortez, 1993.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira F. História da Educação no Brasil (1930 – 1945). Petrópolis: Vozes, 1994.
- FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro. 2ª. ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- EVANGELISTA, Ely Guimarães dos Santos. Educação e Mundialização. Goiânia: UFG, 1997.
- GAMBOA, Silvio Sánchez; FILHO SANTOS, José Camilo (Orgs). Pesquisa educacional: quantidade-qualidade. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2001. GERMANO, José Willington. e KUNZ, Elenor. Educação Física: ensino e mudança. Ijuí: Unijuí, 1991.
- PALAFIX, Gabriel Humberto Muñoz (Org). Planejamento coletivo do trabalho pedagógico – PCTP: a experiência de Uberlândia. Uberlândia: Casa do Livro; Linograf, 2002.
- SAVIANI, Dermeval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. 12ª ed. Campinas: Autores Associados, 1996.
- TANI, Go et al. Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.
- TEIXEIRA, Hudson Ventura; PINI, Márcio Carvalho. Aulas de educação física: 1º grau. São Paulo: IBRASA, 1978.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ementa: Estudos relativos à educação do corpo e a Educação Física. Os fundamentos da Educação Física Brasileira: os sistemas ginásticos e o esporte. A história como campo de estudo e pesquisa da Educação Física.

Bibliografia Básica:

- CASTELLANI FILHO, Lino. Educação física no Brasil: a história que não se conta. 6ª ed. Campinas: Papyrus, 2001.
- GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- SOARES, Carmen Lucia. Educação física: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.

Bibliografia Complementar:

- BLOCH, Marc. Apologia da História ou o ofício do historiador. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2002. p. 51-87.
- ELIAS, Norbert. A gênese do desporto moderno. In A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992. p. 187-221.
- FERREIRA NETO, Amarílio. Pesquisa Histórica na Educação Física brasileira. Vitória: UFES, 1996. p. 5-32.
- GOELLNER, Silvana V. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2003.
- GOELLNER, Silvana V. O método francês e militarização da Educação Física na escola brasileira. In FERREIRA NETO, Amarílio (org.) Pesquisa Histórica na Educação Física brasileira. Vitória: UFES, 1996. p.123-143.
- LUCENA, Ricardo F de. Rio de Janeiro: esporte, cidade e a construção da capital do Brasil. In FERREIRA NETO, Amarílio (org.) Pesquisa Histórica na Educação física brasileira. Aracruz: FACHA, 2000. p. 5-25.
- LUCENA, Ricardo de. O esporte na cidade. Campinas: Autores Associados, 2001.
- MARINHO, Inezil. História da educação física no Brasil. São Paulo: Companhia Brasil Editora. S/d.
- MARINHO, Inezil. Sistemas e métodos de educação física. São Paulo: Editora Brasipal, s/d. 6.ª ed.
- MELLO, Victor Andrade de. Cidade Sportiva: primórdios do Esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2001.
- MELLO, Victor. O esporte e o projeto de "modernização" do Rio de Janeiro na transição dos séculos XIX-XX: as relações com as autoridades governamentais. In Amarílio (org) Pesquisa histórica na Educação Física brasileira. Aracruz: FACHA, 2000. p. 27-52.
- SOARES, Carmen L. Educação física: raízes européias e Brasil. 3ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.
- SOARES, Carmen Lucia. Imagens da Educação no Corpo: estudo a partir da Ginástica francesa no século XIX. 2ª. ed. Campinas: Autores Associados, s/d.

POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO BRASIL

Ementa: A relação entre o Estado e as políticas educacionais; os desdobramentos da política educacional no Brasil pós-64; as políticas de regulação e gestão da educação brasileira e a (re)democratização da sociedade brasileira; os movimentos de diversificação, diferenciação e avaliação da educação nacional. Legislação educacional atual; a regulamentação do sistema educativo goiano e as perspectivas para a escola pública em Goiás.

Bibliografia Básica:

- AZEVEDO, Janete M. Lima de. A Educação como Política Pública. Campinas: Autores Associados, 1997.
- MOLEVADE, João A.C. Da Nova LDB ao Novo Plano Nacional de Educação: por uma outra política educacional. Campinas: Autores Associados, 1998.
- PARO, Vitor H. Reprovação escolar: renúncia à educação. São Paulo: Xamã, 2001.

Bibliografia Complementar:

- BOFF, Leonardo. Depois de 500 anos que Brasil queremos? Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9394, de 20 de Dezembro de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- CASTELLANI FILHO, Lino. Política educacional e educação física. Campinas: Autores Associados, 1998.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. Legislação Educacional Brasileira. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e Gestão da Escola. 3ª. ed. Goiânia: Alternativa, 2001.
MENESES, João G.de C. e outros (Org). Estrutura e Funcionamento da Educação Básica. 2ª. ed. São Paulo: Pioneira; Thomson Learning, 2001.
SADER, Emir e GENTILI, Pablo (Orgs). Pós-Neoliberalismo: as políticas sociais e o estado democrático. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
SAVIANI, Dermeval. A nova lei da educação. 4ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.
SHIROMA, Eneida Oto e outros. Política Educacional. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
SILVA, Tomaz Tadeu da e GENTILI, Pablo (Orgs). Escola S.A. – quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília: CNTE, 1996.
TOSCHI, Mirza S. e FALERO, Marlene de O. L. (Orgs). A LDB do Estado de Goiás. Lei n. 26/98: análises e perspectivas. Goiânia: Alternativa, 2001.

ANTROPOLOGIA DO CORPO

Ementa: Introdução ao pensamento antropológico e suas principais correntes teóricas. Análise da cultura como geradora de percepções e concepções de corpo e de cultura corporal. A relação existente entre trabalho, lazer e tempo disponível como critérios de utilização, consumo e valorização corporal. Estudo da corporeidade humana enquanto fenômeno social gerador de expectativas e respostas sociais.

Bibliografia Básica:

DAOLIO, Jocimar. Da Cultura do Corpo. São Paulo: Papyrus, 1995.
GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. 13. Reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
GOLDENBERG, Mirian (org.). Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. São Cristóvão: Record, 2002.
ROCHA, Everardo. O que é Etnocentrismo. São Paulo: Brasiliense, 1984. Coleção Primeiros Passos nº 124.

Bibliografia Complementar:

BASTIDE, Roger. Técnicas de Repouso e de Relaxamento. In: _____. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.
CASCUDO, Câmara. História de Nossos Gestos. [s.l.: s.e., s.d.].
DAOLIO, Jocimar. Antropologia: Um Deslocamento do Olhar. In: _____. Da Cultura do Corpo. São Paulo: Papyrus, 1995.
HERTZ, Robert. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. Religião e Sociedade, n. 6, p. 99-128, 1988.
LARAIA, Roque de Barros. Como Opera a Cultura. In: _____. Cultura: Um Conceito Antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 67-105.
MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: _____. Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: COSAC NAIF, 2003.
MINER, Horace. Ritos Corporais entre os Nacirema. Mimeo. [1956].
ROCHA, Everardo. O que é Etnocentrismo. São Paulo: Brasiliense, 1984. Coleção Primeiros Passos n.124.
RODRIGUES, J. C. Tabu do Corpo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
SODRÉ, Muniz. Capoeira, um jogo de corpo. In: _____. A Verdade Seduzida. Rio de Janeiro: Codecri, [s.d.]. p. 201-215.

PSICOLOGIA EDUCACIONAL

Ementa: Fundamentos históricos e epistemológicos da psicologia e sua relação com a Educação. Estudos introdutórios das abordagens teóricas: comportamental, psicanalítica, genética e sócio-histórica; suas contribuições para a compreensão do desenvolvimento cognitivo, afetivo, psicomotor, social; e suas implicações no processo de aprendizagem.

Bibliografia Básica:

ALENCAR, Eunice Soriano de (Org.). Novas Contribuições da Psicologia aos processos de ensino e aprendizagem. São Paulo: EPU, 1986.
COLL, César; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro. Desenvolvimento psicológico e educação. v. 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Bibliografia Complementar:

ANTUNES, Mitsuko A. M. A psicologia da educação na formação de professores. Goiânia: Educativa, v. 2, p. 7-12, jan./dez, 1999.
BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
BITTAR, Mona; GEBRIN, Virgínia S. O papel da psicologia da educação na formação de professores. Goiânia: Educativa, v. 2, p. 7-12, jan./dez. 1999.
CARRAHER, Terezinha Nunes. Aprender pensando. Petrópolis: Vozes, 1990.
CORIA-SABINI, M. Aparecida. Psicologia aplicada à Educação. São Paulo: EPU, 1986.
FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico/ O mal-estar da civilização/Novas lições de psicanálise. In: _____. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

- GOULART, Íris B. *Psicologia da Educação*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- KUPPER, Maria Cristina. *Freud e a educação*. São Paulo: Scipione, 1992.
- LURIA, A. R. *Curso de psicologia geral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- MATTOS, Maria Amélia. *Análise das contingências no aprender e no ensinar*. In: OLIVEIRA, Marta K. Vygotsky. São Paulo: Scipione, 1995.
- PIAGET, J. *A psicologia da criança*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.
- RAMOS, Graciliano. *Infância. Mestres da Literatura Contemporânea*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- RAPPAPORT, Clara R.; FIORI, Wagner da R.; DAVIS, Cláudia. *Teorias do desenvolvimento*. Vol.4, São Paulo: EPU, 1981.
- ROUDINESCO, Elizabeth. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. Brasília: Edunp, 1970.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- _____. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- _____. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SUJEITO, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO FÍSICA

Ementa: Estudo das concepções teórico-metodológicas de aprendizagem e desenvolvimento humano, com destaque para as concepções histórico-cultural, psicogenética e funcionalista, e a sua relação com as teorias pedagógicas de Educação Física. Perspectivas para a aprendizagem na educação corporal da criança e do jovem no processo de ensino escolar.

Bibliografia Básica:

- ARCE, Alessandra e MARTINS, Lígia Márcia (org.). *Quem tem Medo de Ensinar na Educação Infantil? Em defesa do ato de ensinar*. 1ª ed. Campinas: Editora Alínea, 2007.
- DARIDO, Suraya Cristina e SOUZA JR., Osmar Moreira de. *Para Ensinar Educação Física*. 1ª ed. Campinas: Papirus, 2007.
- VIGARELLO, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. *História do Corpo*. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

Bibliografia Complementar:

- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia de ensino da educação física*. São Paulo, SP: Cortez, 1992.
- DUARTE, N. *A individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo*. Campinas, SP: Autores Associados, 1993.
- _____. *Educação escolar, teoria do cotidiano e escola de Vygotsky*. 3ª. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- FARIA FILHO, L. M. de. *História da escola primária e da educação física no Brasil: alguns apontamentos*. In: SOUZA, E. S. de; VAGO, T. M. (Orgs.). *Trilhas e partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais*. Belo Horizonte, MG: Cultura, 1997, pp. 43-58.
- FREIRE, J.B. *Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da educação física*. 2ª. ed. São Paulo, SP: Scipione, 1991.
- GONDRA, José Gonçalves. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2004.
- LE BOULCH, J. *Rumo a uma ciência do movimento humano*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1987.
- LE CAMUS, J. *O corpo em discussão: da reeducação psicomotora às terapias de mediação corporal*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1986, cap. 1 e 2.
- LEONTIEV, A. N. *Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil*. In: VYGOTSKY, L. S. LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo, SP: Ícone/Edusp, 1988, p. 59-83.
- ROSSLER, João Henrique. *Sedução e Alienação no Discurso Construtivista*. 1ª ed. Campinas: Autores Associados, 2006.
- SAYÃO, D. T. *Educação Física na Educação Infantil: da especialização disciplinar à possibilidade do trabalho pedagógico integrado*. Florianópolis, SC: CED/UFSC, 1996 (Dissertação de mestrado), cap. 2.
- TANI, G.; MANOEL, E. de J.; KOKOBUN, E.; PROENÇA, J. E. de. *Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo, SP: EPU/EDUSP, 1988.
- VAGO, T. M. *Início e fim do século XX: maneiras de fazer educação física na escola*. In: *Cadernos CEDES*, n. 48, Corpo e Educação. Campinas, SP: CEDES, 2000, 2ª. ed. p. 52-67.

CURRÍCULO E PRÁTICAS ESCOLARES

Ementa: Introdução ao estudo das diferentes teorias do currículo na atualidade e suas relações com a produção teórica no campo da educação e da educação física, com destaque para as teorias crítico-progressistas e suas inter-relações com prática política e pedagogia curricular na escola.

Bibliografia Básica:

- COSTA, Marisa Vorraber. (Org). *O Currículo - nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FREITAS, Luiz Carlos de. Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática. Campinas – SP: Papyrus, 1995.

GONSALVES, Elisa Pereira, et al. Currículo e Contemporaneidade: questões emergentes. Campinas: S/P, Alínea, 2004.

Bibliografia Complementar:

APPLE, Michael W. Educação e Poder. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CAPARROZ, Francisco Eduardo. Entre a educação física na escola e a educação física da escola. Vitória. UFES/CEFD, 1997.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

CONTRERAS, José. A Autonomia de Professores. São Paulo, Cortez, 2002.

DAVID, Nivaldo A N. Contribuições do método participativo para a capacitação de professores de educação física escolar. Revista Pensar a Prática. Goiânia, v.1 ano 1, p. 59-73, jun, 1998.

_____. *Formação de professores para a educação básica: dilemas atuais para a educação física*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, Autores Associados, v 23, n 2, p.106-119, jan.2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

GIROUX, H. Professores como intelectuais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GIROUX, H. Teoria Crítica e Resistência em Educação. Petrópolis-RJ. Vozes, 1986.

HERNANDES, Fernando, VENTURA, Monserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho. 5ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

KUZ, Elenor. Transformações didático-pedagógica do esporte. Ijuí: Unijui, 1994.

MACEDO, Alice C. L E. Currículo: debates contemporâneos. São Paulo, Cortez, 2002.

MOREIRA, Antonio Flavio et all. (Org). Currículo: Políticas e Práticas. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

_____. *Currículos e Programas no Brasil*. Campinas. SP: Papyrus, 1990.

RODRIGUES, Neidson. Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação. 5ª ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados. 1986.

SILVA T. Tadeu. O que produz e reproduz em educação. Porto Alegre. Artes Médicas, 1992.

SILVA T. Tadeu, MOREIRA, Antonio Flávio. Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo. Cortez, 1995.

SILVA, Luiz Eron (org). Escola Cidadã - teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

TRALDI, Lady Lina. Currículo. São Paulo: Atlas, 1987.

YUONG, Michael F.D. O Currículo do Futuro - da nova sociologia da educação a uma teoria crítica do aprendizado. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

ANATOMIA FUNCIONAL DO MOVIMENTO HUMANO

Ementa: Estudo funcional do aparelho locomotor. Estudo descritivo dos ossos e de suas funções no movimento. Estudo descritivo e funcional das articulações e de seus movimentos: dialética entre a forma e o movimento, herança de adaptações arborícolas no movimento humano. Evolução funcional do movimento na espécie humana: filogênese, anatomia comparada e história cultural/social da espécie - movimento, trabalho, pensamento e criação. Estudo descritivo e funcional dos músculos: máquinas simples e alavancas biológicas - cadeias cinéticas e produção de força - hastes (ossos), fulcros (articulações) e forças (músculos).

Bibliografia Básica:

FONSECA, V. Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOBOTTA, J. Atlas de Anatomia Humana. 22ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

VAN DE GRAAFF, K.M. Anatomia Humana. 6ª ed. Barueri -SP: Manole, 2008.

Bibliografia Complementar:

MYERS, T. W; JARMEY, C. O Corpo em Movimento - uma abordagem concisa. Barueri – São Paulo: Manole. 2008.

ROHEN, J.W., DRECOLL-LÜTJEN, E. Anatomia Humana: resumos em quadros e tabelas: vasos nervos e músculos. 2ª ed, Barueri – São Paulo: Manole, 2008.

VALERIUS, K.P. et al. O Livro dos Músculos: anatomia funcional dos músculos do aparelho locomotor. Barueri – São Paulo: Manole, 2008.

ANATOMIA SISTÊMICA

Ementa: Estudo dos grandes sistemas anatômicos: sistema nervoso e os substratos neurais do movimento, herança das adaptações neurais para a vida arborícola e a história cultural/social da espécie, sistema circulatório e respiratório e suas adaptações ao movimento e ao exercício, sistema digestório e os substratos responsáveis pela absorção/digestão dos nutrientes e produção de energia, sistema urogenital e os processos de excreção e reprodução no homem e suas implicações culturais e sociais, pele e anexos e a manutenção da temperatura corporal, órgãos dos sentidos e a relação do homem/mundo.

Bibliografia Básica:

FATTINI, C.A. e D'ANGELO, J.G. Anatomia Humana Sistemica e Segmentar. 3ª ed. Rio de Janeiro: Atheneu Editora, 2007.

GRAY, H.; GOSS, C. M. Anatomia. 29ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

KAPANDJI, I. Fisiologia articular. São Paulo, Manole, 1990.

Bibliografia Complementar:

D'ANGELO & FATTINI. Anatomia humana sistêmica e segmentar. São Paulo: Atheneu, 1994.

MACHADO, A. Neuroanatomia funcional. São Paulo: Atheneu, 1992.

PUTZ, R.; PABST, R. Sobotta: atlas de anatomia humana. 20ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.

ROHEN, J.W., DRECOLL-LÜTJEN, E. Anatomia Humana: resumos em quadros e tabelas: vasos nervos e músculos. 2ª ed. Barueri – São Paulo: Manole, 2008.

FISIOLOGIA APLICADA À EDUCAÇÃO FÍSICA

Ementa: Estudo funcional básico do organismo humano: biofísica celular e sistemas muscular, nervoso, cardiovascular, respiratório, digestório, renal e endócrino. A regulação da temperatura corporal, o equilíbrio ácido-básico e o metabolismo durante a atividade física. Adaptações dos sistemas orgânicos ao treinamento.

Bibliografia Básica:

GUYTON, A. C. Fisiologia Humana. 11ª. ed, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

POWERS, S. K. Fisiologia do Exercício. Teoria e Aplicação ao Condicionamento e ao Desempenho. 6ª. Ed. São Paulo: Manole [s.d.], 2006.

SILVERTHORN, D. U. Fisiologia Humana: uma abordagem integrada. 2ª. ed. São Paulo: Manole, [s.d.], 2003.

Bibliografia Complementar:

AIRES, M. M. Fisiologia. 3ª. ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

BERNE, R. Fisiologia. 6ª. ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

COSTANZO, L. Fisiologia. 3ª ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

COSTILL, D. Fisiologia do Esporte e do Exercício. 2ª. ed. São Paulo: Manole, [s.d.].

CURI, R. Fisiologia básica. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

FOSS, M. L. Bases Fisiológicas do Exercício e do Esporte. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, [s.d.].

JACOB, S. W. Anatomia e Fisiologia Humana. 5ª. ed. [s.l.: s.n.], 1990.

McARDLE, W. Fisiologia do Exercício: nutrição e desempenho humano. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, [s.d.], 2008.

McARDLE, W. Fundamentos de Fisiologia do Exercício. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, [s.d.], 2002.

NIEMAN, D. Exercício e Saúde. São Paulo: Manole, [s.d.].

POWERS, S. K. Fisiologia do Exercício. 3ª. ed. São Paulo: Manole, [s.d.], 2000.

EDUCAÇÃO NUTRICIONAL

Ementa: Estudo sobre os princípios básicos de nutrição, grupos de alimentos, higiene e aproveitamento de alimentos, crescimento e desenvolvimento humanos. Avaliação nutricional e necessidades nutricionais de estudantes da Educação Básica. Análise crítica dos programas institucionais de alimentação e merenda escolar.

Bibliografia Básica:

TIRAPEGUI, J. Nutrição - fundamentos e aspectos atuais. São Paulo: Atheneu, 2000. 284 p.

VITOLO, Márcia Regina. Nutrição: da Gestão à Adolescência. São Paulo: Reichmann & Affonso, 2003. 336 p. ISBN: 8587148737.

WHITNEY, Eleanor; SIZER, Frances. Nutrição – conceitos e controvérsias. São Paulo: Manole, 2002. 800 p. ISBN: 8520411975.

Bibliografia Complementar:

ESCOTT-STUMP, Sylvia; MAHAN, L. Kathleen. Alimentos, nutrição e dietoterapia – Krause. 10ª. ed. São Paulo: Roca, 2002. 1158 p.

FIGUEIREDO, Roberto Martins. As armadilhas de uma cozinha - coleção higiene dos alimentos. São Paulo: Manole, 2002. 223 p. ISBN 1580-6.

FIGUEIREDO, Roberto Martins. O Programa de Redução de Patógenos – Padrões e Procedimentos Operacionais de Sanitização. São Paulo: Manole, 2002. 165 p. ISBN 1579-2.

ISOSAKI, Mitsue; CARDOSO, Elisabeth. Manual de Dietoterapia & Avaliação Nutricional. São Paulo: Atheneu. 2002. 228 p. ISBN – 8573796820.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. El estado físico: uso e interpretación de la antropometría. Ginebra, 1995. 521p. (OMS, Série de Informes Técnicos, 854). ISBN 92 4 320854 3.

PHILIPI, [Sonia Tucunduva]. Nutrição e Técnica Dietética. São Paulo: Manole, 2002. 400 p. ISBN: 852041527X.

ROSS, A. Catharine; OLSON, James A.; SHILS, Maurice E.; SHIKE, Moshe. Tratado de Nutrição Moderna na Saúde e na Doença. São Paulo: Manole, 2002. 2122 p. ISBN: 8520411207.

SÁ, Neide Gaudenci de. Nutrição e Dietética. São Paulo: Nobel, 2004. 174 p. ISBN: 8521300611.

BIOLOGIA E EDUCAÇÃO

Ementa: Estudo histórico dos conceitos de evolução e seleção natural. Compreensão dos aspectos básicos da constituição humana como um processo histórico e evolutivo, a partir de sua diferenciação dos animais. Compreensão do engendramento da filogênese, da ontogênese e da história social. Compreensão das dimensões biológica e cultural da constituição humana. Análise do processo da biologização das relações sociais, especialmente a Educação. Análise das implicações das visões inatistas e empiristas na produção de preconceitos educacionais.

Bibliografia Básica:

AQUINO, J. G. Diferenças e preconceito na escola, alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.
MOURA, E. Biologia Educacional: noções de biologia aplicadas à educação. São Paulo: Moderna, 1993.
SOUSA, M.V.; TORRES, F. A. G.; RICART, C.A.O.; FONTES, W.; SILVA, M. A. S. Gestão da vida: genoma e pós-genoma. Brasília: Bluhm, 2001.

Bibliografia Complementar:

BIZZO, Nélio Marco Vincenzo. O paradoxo social-eugênico, genes e ética. Educar, n. 11, p. 45-61, Curitiba: UFPR, 1995.
COLLARES, Cecília, A. L. & MOYSÉS, M. A. A. Preconceitos no cotidiano escolar, ensino e medicalização. Campinas: Cortez; UNICAMP: Faculdade de Educação/ Faculdade de Ciências Médicas, 1996.
LURIA, A. R. Curso de Psicologia Geral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
McALESTER, A. L. História Geológica da vida. São Paulo: Edgard Blücher, 1969.
OLIVEIRA, Fátima. Ideologia Racista Chora: o DNA ditador é uma miragem. Idéias: a luta contra o racismo na rede escolar. São Paulo: FDE, 1995.
PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar; histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1993.
REGO, Teresa Cristina R. Educação, cultura e desenvolvimento: o que pensam os professores sobre as diferenças individuais. In: AQUINO, J. G. Diferenças e preconceito na escola, alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.
VYGOTSKY, L. S. & LURIA, A. R. Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

EDUCAÇÃO FÍSICA E SAÚDE

Ementa: Estudo de aspectos educativos determinantes da saúde pública e individual em seus vários aspectos (mental, social e orgânico), priorizando aqueles relacionados às patologias mais comuns na contemporaneidade – obesidade, anorexia, depressão, hipertensão, diabetes, etc. Abordagem histórica a teorias que relacionam o trato ao corpo, Educação Física e saúde. Estudo de abordagens a elementos comuns ao campo da Educação Física e esporte – atividade física, lazer e esporte, que guardam relação com a saúde coletiva e individual, direta e indiretamente. Políticas públicas de saúde e políticas públicas educacionais.

Bibliografia Básica:

CAMPOS, G.W.S. et al. Tratado de saúde coletiva. Rio de Janeiro: Hucitec-Fiocruz, 2007.
CARVALHO, Y.M. O mito da atividade física, 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
FREITAS, F.F. A educação física no serviço público de saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.

Bibliografia Complementar:

ACHOUR JÚNIOR, Abdallah. Bases para exercícios de alongamento relacionados com a saúde e no desempenho atlético. Londrina, PR: Midiograf, 1996.
BARBANTI, Valdir J. Aptidão Física um convite à Saúde. São Paulo: Manole, 1990.
BARROS NETO, Turibio Leite de. Exercício, Saúde e Desempenho Físico. São Paulo: Atheneu, 1997.
BASAGLIA, Franco. A Instituição Negada. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
BRASIL. Ministério da Saúde. Atividade Física e Saúde: Orientações sobre Atividade Física e Saúde para Profissionais das Áreas de Educação e Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, Ministério da Educação e do Desporto, 1995.
BRASIL. Ministério da Saúde. Exercício e Saúde - Bases Biológicas do Exercício Físico para a Saúde. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996.
BRASIL. Ministério da Saúde. Exercício Físico e Saúde - Bases Metodológicas do Exercício Físico para a Saúde. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996.
BRASIL. Ministério da Saúde. Exercício Físico e Saúde - Exercício Físico na Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996.
BRASIL. Ministério da Saúde. Exercício Físico e Saúde - Prática Saudável do Exercício Físico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996.
FARIA JÚNIOR, A. G. Exercício e Promoção a Saúde. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1991.
FOUCAULT, M. Nascimento da Clínica. São Paulo: Forense, 1980.
FOUCAULT, M. História da Loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 1978.

- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- GUEDES, Dartagnan P.; GUEDES, Joana Elisabete Ribeiro P. *Exercício Físico na Promoção da Saúde*. Londrina: Midiograf, 1995.
- HOWLEY, Edward T.; FRANKS, B. Don. *Manual do Instrutor de Condicionamento Físico para a Saúde*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- LEITE, Paulo Fernando. *Aptidão Física, Esporte e Saúde*. Belo Horizonte: Santa Edwiges, 1985.
- LURIA, A. R. *Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria*. São Paulo: Artmed, 1987.
- NAHAS, Markus Vinicius. *Fundamentos da Aptidão Física Relacionada à Saúde*. Florianópolis: UFSC, 1989.
- NIEMAN, David C. *Exercício e Saúde*. São Paulo: Manole, 1999.
- NUNES, Bernadete de Oliveira. *O sentido do trabalho para merendeiras e serventes em situação de readaptação nas escolas públicas do Rio de Janeiro*. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2000.
- POLLOCK, M. L.; WILMORE, J. H. *Exercícios na Saúde e na Doença*. Rio de Janeiro: MEDSI, 1993.
- ROEDER, Maika Arno. *Atividade Física, saúde mental e qualidade de vida: atividade sensório-motora na prevenção, tratamento e reabilitação das pessoas com transtornos mentais e do comportamento*. Rio de Janeiro: Shape, 2003.
- SERRANO, Alan Índio. *O Que É Psiquiatria Alternativa*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SHARKEY, Brian J. *Condicionamento Físico e Saúde*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. *Fundamentos de Defectologia*. Ciudad de La Habana: Pueblo y Educación, 1989.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA BIOMECÂNICA DO MOVIMENTO HUMANO

Ementa: Estudo dos fundamentos da Física e dos fatores estruturais e funcionais do corpo, determinantes do movimento humano, e que são fundamentais para a análise mecânica do mesmo. Análise metodológica dos fatores mecânicos que determinam as características do movimento humano e que estão relacionados aos processos de aprendizagem e desenvolvimento do ser humano.

Bibliografia Básica:

- HALL, S. *Biomecânica Básica*, 5ª ed.. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.
- HAMILL, J. & KNUTZEN, K. M. *Bases Biomecânicas do Movimento Humano*, 2ª ed. São Paulo: Manole, 2007.
- KNUDSON, D. V. e MORRISON, C. S. *Análise qualitativa do movimento humano*. São Paulo: Manole, 2001.

Bibliografia Complementar:

- AMADIO, A. C. (ed.) *Fundamentos Biomecânicos para a Análise do Movimento*. São Paulo: Laboratório de Biomecânica/EEFUSP, 1996.
- AMADIO, A. C.; BARBANTI, V. J. (ed.) *A Biodinâmica do Movimento Humano e suas Relações Interdisciplinares*. São Paulo: Liberdade, 2000.
- FONSECA, V. *Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HALLIDAY & RESNICK. *Física. Mecânica*. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1995.
- HAY, J. G.; REID, J. G. *As Bases Anatômicas e Mecânicas do Movimento Humano*. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 1985.
- HOCHMUTH, G. *Biomecânica de los Movimientos Deportivos*. Madrid: INEF, 1973.
- KAPANDJI, I. *Fisiologia Articular*. São Paulo: Manole, 1990.
- NORDAN, M.; FRANKEL, V. H. *Biomecânica do Sistema Musculoesquelético*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.
- OKUNO, E.; FRATIN, L. *Desvendando a Física do Corpo Humano: Biomecânica*. São Paulo: Manole, 2003.
- SETTINERI, L. I. C. *Biomecânica: noções gerais*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1988.
- VIEL, E. (ed.) *A Marcha Humana, a Corrida e o Salto. Biomecânica, investigações, normas e disfunções*. São Paulo: Manole, 2001.
- ZATSIORSKY, V. M. (ed.) *Biomecânica no esporte. Performance do desempenho e prevenção de lesão*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

TEORIAS DO ESPORTE

Ementa: Temas gerais da filosofia e sociologia do esporte. Fundamentos gerais da pedagogia do esporte. O esporte como manifestação humana, cultural e de relação social complexa. Relações entre esporte, indústria cultural e mídia. Concepções de esporte no desenvolvimento histórico da sociedade de classes. Reconstrução do esporte como ética, estética, arte e política social, e suas possibilidades para a formação e emancipação humana.

Bibliografia Básica:

- BRACHT, Valter. *Educação física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.
- KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica*. Ijuí: Unijuí, 1994.
- PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo. *Esporte: História e Sociedade*. Campinas – São Paulo: Autores Associados, 2002.

Bibliografia Complementar:

- BETTI, Mauro. *Educação física e sociedade*. São Paulo, SP: Movimento, 1991.
- _____. *A janela de vidro*. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- _____. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

_____. Esporte na escola e esporte de rendimento. *Revista Movimento*. Ano 6, n. 12, p. 14-24, Porto Alegre, 2000/1.
HELAL, Jorge. O que é sociologia do esporte? Rio de Janeiro: Brasiliense, 1990.
OLIVEIRA, Sávio Assis. A reinvenção do esporte: possibilidades da prática pedagógica. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pernambuco, 1999.
OLIVEIRA, Vítor Marinho de. Consenso e conflito da educação física brasileira. Campinas: Papirus, 1994.
VAGO, Tarcisio M. O esporte na escola e o esporte da escola: da negação radical para uma relação de tensão permanente. *Revista Movimento*. N. 5, p. 4-17, Porto Alegre, 1996.
TUBINO, M. J. Gomes. Dimensões sociais do esporte. São Paulo: Autores Associados, 1992.

GESTÃO E POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E LAZER NO BRASIL

Ementa: Conhecimento geral da organização, da gestão e das políticas da Educação Física, do esporte e do lazer, em âmbitos regional, nacional e internacional. Estrutura, legislação e sistema de poder em desenvolvimento no Brasil. Organização teórico-prática de eventos e calendários esportivos.

Bibliografia Básica:

CASTELLANI FILHO, Lino. Política educacional e educação física. Campinas, SP: Autores Associados, 1998 (Coleção polêmicas do nosso tempo).
SADER, Emir e GENTILI, Pablo (Orgs.). Pós-Neoliberalismo: as políticas sociais e o estado democrático. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
SHIROMA, Eneida Oto e outros. Política Educacional. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

Bibliografia Complementar:

BOFF, Leonardo. Depois de 500 anos que Brasil queremos? Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
CURY, Carlos Roberto Jamil. Legislação Educacional Brasileira. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.
MARCELLINO, Nelson C. (Org). Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras. Campinas: Autores Associados, 1996.
Lei nº 9394, de 20 de Dezembro de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
SAVIANI, Dermeval. A nova lei da educação. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.
TOSCHI, Mirza Seabra e FALERO, Marlene de O. L. (Org.). A LDB do Estado de Goiás Lei n. 26/98: análises e perspectivas. Goiânia: Alternativa, 2001.
TUBINO, M. J. Gomes. Dimensões sociais do esporte. São Paulo: Autores Associados, 1992.

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DO LAZER

Ementa: Estudos do lazer em sua interlocução com a esfera da educação: conceitos, valores e conteúdo. Enfoques e tendências na produção de conhecimento no campo do lazer. O lazer como área transdisciplinar de formação humana e intervenção profissional. Investigação, análise e proposição de atividades, projetos ou programas de lazer, identificando os aspectos teórico-metodológicos inerentes à sua implementação e desenvolvimento.

Bibliografia Básica:

GOMES, Christianne Luce. Dicionário Crítico do Lazer, 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
JAIME, Fernando Jaime e FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Dicionário Crítico da Educação Física, 1ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. Introdução ao lazer, 1ª ed. Barueri - SP: Manole, 2003.

Bibliografia Complementar:

BRAMANTE, Antonio Carlos. Lazer: concepções e significados. In: Revista Licere, v. 1, n. 1, Belo Horizonte, 1998.
BRUHNS, Heloisa Turini. Introdução aos estudos do lazer, 2ª ed. Campinas – São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.
CAMARGO, Luís Octávio de Lima. Educação para o lazer. São Paulo: Moderna, 1998.
CUNHA, Newton. A felicidade imaginada: a negação do trabalho e do lazer. São Paulo: Brasiliense, 1987.
DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva, 1976.
_____. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: Sesc, 1980.
LAFARGUE, Paul. O direito à preguiça. São Paulo: Hucitec; Unesp, 1999.
MARCASSA, Luciana Pedrosa. A invenção do lazer: educação, tempo livre e cultura na cidade de São Paulo (1888-1935). Dissertação [Mestrado]. Goiânia: FE/UFG, 2002.
MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e educação.. Campinas: Papirus, 1987.
MASCARENHAS, Fernando. Lazer como prática da liberdade: uma proposta educativa para a juventude. Goiânia: UFG, 2003.
MUNNÉ, Frederic. Psicosociología del tiempo libre: un enfoque crítico. Ciudad del México: Trillas, 1984.
SÁNCHEZ, Aldo Pérez (Org.). Recreación: fundamentos teórico-metodológicos. Habana: Instituto Superior de Cultura Física Manuel Fajardo, 1993.
SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. O prazer justificado: história e lazer. São Paulo: Marco Zero, 1994.
WAICHMAN, Pablo. Tempo livre e recreação. Campinas: Papirus, 1997.

PESQUISA E ENSINO EM NATAÇÃO

Ementa: Conhecimento teórico-prático dos fundamentos técnicos, dos estilos e das regras básicas da natação. Estudo dos métodos de ensino e pesquisa sobre a natação em ambientes educacionais, esportivos e de lazer, e suas possibilidades para o desenvolvimento e a formação humana de crianças, jovens e adultos.

Bibliografia Básica:

MAGLICHIO, Ernest. Nadando ainda mais rápido. São Paulo: Manole, 1999.
PALMER, Mervyn. A ciência do ensino da natação. São Paulo: Manole, 1990.
SANTANA, Vanessa Helena; TAVARES, Maria da Consolação; SANTANA, Venícia Elaine. Nadar com segurança. São Paulo: Phorte, 2003.

Bibliografia Complementar:

Association of Swimming Therapy. Natação para deficientes. São Paulo: Manole, 2000.
BASILONE NETTO, José. Natação: a didática moderna da aprendizagem. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1995.
BERLIOUX, M. La natación: manual práctico de natación, Water polo, saltos y ballet acuático. Barcelona: Hispano Europea, 1974.
COLWIN, C. Natação para o século XXI. São Paulo: Manole, 2000.
COUNSILMAN, James E. La natación: ciencia y técnica.. Barcelona: Hispano Europea, 1999.
DAMASCENO, Leonardo G. Natação, psicomotricidade e desenvolvimento. Campinas: Autores Associados, 1997.
GAROFF, Gerard. O ensino da Natação. São Paulo: Manole, 1990.
JUBA, Kelvin. Iniciação à natação. Lisboa: Presença, 1982.
MACHADO, David C. Metodologia da natação. São Paulo: EPU, 1984.
_____. *Natação: Teoria e Prática*. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.
NASCIMENTO, Rodrigo. A natação: nosso esporte arte. S. I.: S/n., 1984.
THOMAS, David G. Natação avançada: etapas para o sucesso. São Paulo: Manole, 1999.

PESQUISA E ENSINO EM ATLETISMO

Ementa: Conhecimento teórico-prático dos fundamentos técnicos e regras básicas do atletismo, e suas diferentes manifestações esportivas e culturais, objetivando o reconhecimento, o domínio, a transmissão e a ressignificação de suas características na aprendizagem escolar. Participação na organização de eventos esportivos. Reflexão sobre pesquisas e práticas de ensino do atletismo na escola.

Bibliografia Básica:

BARROS, N.; RICIERI, D. Atletismo nas escolas. 3. ed. São Paulo: Apoio, 1991.
MATTHIESEN, S. Q. (Org.) Atletismo se aprende na escola. Jundiá: Fontoura, 2009.
MATTHIESEN, S. Q. Atletismo. teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

Bibliografia Complementar:

BARROS, N.; RICIERI, D. Atletismo nas escolas. 3. ed. São Paulo: Apoio, 1991.
COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992.
CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. Regras Oficiais de Atletismo 2010 - 2011. São Paulo: Phorte Editora, 2010.
FERNANDES, José Luís. Atletismo: arremessos. São Paulo: EPU, 1978.
FERNANDES, José Luís. Atletismo: corridas. São Paulo: EPU, 1979.
FERNANDES, J. L. Atletismo: os saltos; técnica, iniciação, treinamento. São Paulo: EPU, 1978.
FERNANDES, José Luís. Atletismo: Provas de pista e de campo. São Paulo: TecnoPrint, 1995.
GRECO, Pablo; BENDA, R. Iniciação Esportiva Universal – Metodologia da Iniciação Esportiva na Escola e no Clube. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
MATTHIESEN, S. Q. Corridas. São Paulo: Odysseus, 2007. v. 1. 185 p.
MATTHIESEN, S. Q. Atletismo. teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.
ORO, Ubirajara ET all. Antologia do atletismo. São Paulo. TecnoPrint. 1988.
KUNZ, Elenor. Transformação Didático-Pedagógica do Esporte. Ijuí: Unijuí, 1994.
MEDEIROS, Mara. Didática e prática de ensino da educação física – para além de uma abordagem formal. Goiânia: Cegraf, 1998.

PESQUISA E ENSINO EM VOLEIBOL

Ementa: Conhecimento teórico-prático dos fundamentos técnicos e regras básicas do voleibol, e suas diferentes manifestações esportivas e culturais, objetivando o reconhecimento, o domínio, a transmissão e a ressignificação de suas características na aprendizagem escolar. Participação na organização de eventos esportivos. Reflexão sobre pesquisas e práticas de ensino do voleibol na escola.

Bibliografia Básica:

BIZZOCCHI, Cacá. O Voleibol de alto nível: da iniciação à competição. São Paulo: Fazendo Arte, 2000.
CRISÓSTOMO, João. Ensinando voleibol. São Paulo: Phorte, 2005.
MACGREGOR, Barrie. O voleibol. Portugal: Publicações Europa-America, 1977.

Bibliografia Complementar:

- BOJKIAN, João. Ensinando Voleibol. São Paulo: Phorte, 1999.
- BORSARI, J. R. Voleibol, Aprendizagem e Treinamento um desafio constante. São Paulo: EPU, 1989.
- BRACHT, Walter. Pesquisa em ação: educação física na escola. Ijuí: Unijuí, 2003.
- BROTTO, Fábio O. Jogos Cooperativos. Santos: Re-novada, 1997.
- CARVALHO, O. M. Voleibol 1000 exercícios. Rio de Janeiro: Sprint, 1993.
- COLETIVOS DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.
- COSTA, A. D. Voleibol – Fundamentos e Aprimoramento Técnico. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.
- KRÖGER, Christian; ROTH, Klaus. Escola da Bola – um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. São Paulo: Phorte, 2002.
- MOREIRA, W. W. (Org.). Educação Física e Desportos: perspectivas para o séc. XXI. Campinas: Papyrus, 1993.
- SUVOROV, Y.; GRISCHIN, O. N. Voleibol Iniciação. v. 1 e 2. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.
- TAFFAREL, Celi N. Z. Criatividade nas aulas de Educação Física. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1995.
- TEIXEIRA, H. V. Educação Física e Desportos. São Paulo: Saraiva, 1995.

PESQUISA E ENSINO EM BASQUETEBOL

Ementa: Conhecimento teórico-prático dos fundamentos técnicos e regras básicas do basquetebol e suas diferentes manifestações esportivas e culturais, objetivando o reconhecimento, o domínio, a transmissão e a ressignificação de suas características na aprendizagem escolar. Participação na organização de eventos esportivos. Reflexão sobre pesquisas e práticas de ensino do basquetebol na escola.

Bibliografia Básica:

- ASEP. Trad. UGRINOWITSCHI, Carlos; BARBANTI, Valdir. Ensinando basquetebol para jovens, 2ª ed. São Paulo: Manole, 2002.
- DE ROSE JUNIOR, D.; TRICOLI, Valmor. Basquetebol – uma visão integrada e prática. São Paulo: Manole, 2005.
- TANI, Go; BENTO, Jorge O.; PETERSEN, Ricardo D. de S. Pedagogia do Desporto. São Paulo: Guanabara Koogan, 2006.

Bibliografia Complementar:

- AMERICAN SPORT EDUCACION PROGRAM. Ensinando Basquetebol para jovens. São Paulo: Manole, 2000.
- ASSIS, Sávio. Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica. São Paulo: Autores Associados, 2001.
- BETTI, Mauro. A janela de vidro: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papyrus, 1998.
- BORSARI, J. Roberto et all. Educação Física: da pré-escola à universidade. São Paulo: Edusp, 1980.
- BRACHT, Valter. Educação Física e aprendizagem social. Porto Alegre: Magister, 1992.
- CARVALHO NETO, Walter. Basquetebol: sistemas de ataque e defesa. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Autores Associados, 1992.
- COUTINHO, N. Ferreira. Basquetebol na escola. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.
- DAIUTO, Moacir. Basquetebol: metodologia do ensino. São Paulo: Brasil, 1981.
- DEL RIO, J. A. Metodologia Del baloncesto. Barcelona: Editora Paido Tribo, 1990.
- FERREIRA, A. E. & ROSE, Dante de. Basquetebol: técnicas e táticas – uma abordagem didático-pedagógica. São Paulo: Epu/Edusp, 1987.
- GRECO, J. Pablo (Org.). Iniciação Esportiva Universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: UFMG/Escola de Educação Física da UFMG, 1998.
- GRUPO DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS. Visão didática da educação física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991.
- GUEDES, Dartagnan & GUEDES, Elisabeth. Sugestão de conteúdos programáticos direcionados à promoção da saúde. *Revista da Apef*, ano 9. n. 16, p. 3-14, Londrina, 1994.
- HELAL, Jorge. O que é sociologia do esporte? Rio de Janeiro: Brasiliense, 1990.
- KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica. Ijuí: Unijuí, 1994.
- MELHEM, Alfredo. Brincando e Aprendendo Basquetebol. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.
- TUBINO, M. J. Gomes. Dimensões sociais do esporte. São Paulo: Autores Associados, 1992.
- WEIS, Gilmar F. O Basquetebol em Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1998.

PESQUISA E ENSINO EM FUTEBOL

Ementa: Conhecimento teórico-prático dos fundamentos técnicos e regras básicas do futebol, e suas diferentes manifestações esportivas e culturais, objetivando o reconhecimento, o domínio, a transmissão e a ressignificação de suas características na aprendizagem escolar. Participação na organização de eventos esportivos. Reflexão sobre pesquisas e práticas de ensino do futebol na escola.

Bibliografia Básica:

- DAÓLIO, Jocimar. Futebol, Cultura e Sociedade. São Paulo: Autores Associados, 2005.
- FREIRE, João Batista. Pedagogia do futebol. São Paulo: Autores Associados, 2003.
- SANTANA, Wilton Carlos. Futsal-apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização. São Paulo: Autores Associados, 2004.

Bibliografia Complementar:

- BETTI, Mauro. Educação física e sociedade. São Paulo, SP: Movimento, 1991.
- _____. *A janela de vidro*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- BORGES, Cecília Maria Ferreira. O professor de Educação Física e a construção do saber docente. Campinas: Papyrus, 1998.
- BRACHT, Valter. Educação física e aprendizagem social.. Porto Alegre: Magister, 1992.
- _____. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.
- _____. Esporte na escola e esporte de rendimento. *Revista Movimento*. Porto Alegre. Ano VI, n. 12, 2000/1, p. 14-24.
- CASTELLANI FILHO, Lino. Política educacional e educação física. Campinas, SP: Autores Associados, 1998 (Coleção polêmicas do nosso tempo).
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de educação física.. São Paulo: Cortez, 1992.
- FERNANDES, José Luís. Futebol: Ciência, arte ou...sorte.. São Paulo: EPU, 1994.
- FORQUIM, Jean-Claude. Escola e Cultura: as bases epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FREIRE, João Batista. Metodologia do futebol. São Paulo: Cortez, 2000.
- KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí, RS: Unijuí, 1994.
- OLIVEIRA, Sávio Assis. A reinvenção do esporte: possibilidades da prática pedagógica. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pernambuco, 1999.
- OLIVEIRA, Vítor Marinho de. Consenso e conflito da educação física brasileira. Campinas: Papyrus, 1994.
- TARDIF, M. et al. Os professores face ao saber. Teoria e Educação. Porto Alegre: Pannônica, n. 4, p. 215-233, 1991.
- VAGO, Tarcisio M. O esporte na escola e o esporte da escola: da negação radical para uma relação de tensão permanente. *Revista Movimento*.. Porto Alegre: , n. 5, p. 4-17, 1996.
- VOSER, Rogério da Cunha. Iniciação ao Futsal: uma abordagem recreativa. Porto Alegre: ULBRA, 1996.

PESQUISA E ENSINO EM HANDEBOL

Ementa: Conhecimento teórico-prático dos fundamentos técnicos e regras básicas do handebol, e suas diferentes manifestações esportivas e culturais, objetivando o reconhecimento, o domínio, a transmissão e a ressignificação de suas características na aprendizagem escolar. Reflexão sobre pesquisas e práticas de ensino do handebol na escola.

Bibliografia Básica:

- EHRET, A.; SPATE, D.; SCHUBERT, R.; ROTH, K. Tradução de GRECO, P. J. Manual de handebol – treinamento de base para crianças e adolescentes. São Paulo: Phorte, 2002.
- PAES, Roberto R.; BALBINO, Hermes, F. Pedagogia do esporte – contextos e perspectivas. São Paulo: Guanabara Koogan, 2005.
- SIMÕES, A. C. Handebol defensivo – conceitos técnicos e táticos. São Paulo: Phorte, 2002.

Bibliografia Complementar:

- BÁRCENAS, D.; ROMAN, J. de Dios. Balonmano – técnica y metodología. Madrid: Gymnos, 1991.
- BRACHT, Valter. Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução. Vitória: UFES, 1997.
- BRUNHS, Heloisa T. Corpo parceiro corpo adversário. Campinas: Papyrus, 1994.
- CAMARGO NETTO, F. Handebol . Rio de Janeiro: Prodil, [s.d.].
- CAPARROZ, Francisco E. Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da Escola.. Vitória: CEFD/UFES, 1997.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da educação física.. São Paulo: Cortez, 1992.
- CURELLI, Jean-Jacques & LAUDURÉ. O handebol – as regras, a técnica, a tática. Lisboa: Estampa, 1999.
- FERREIRA, P. Regras de handebol. Mais de mil perguntas e respostas. São Paulo: Ateniense, 1989.
- GONÇALVES, Maria Augusta S. Sentir, Pensar e Agir. Campinas: Papyrus, 1994.
- GRECO, P. J. Iniciação esportiva universal. 2. metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- HILDEBRANDT, R. & LANGING, R. Concepções abertas no ensino da educação física.. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens – o jogo como elemento da cultura.. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- KASLER, H. Handebol.. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1986.
- KISSINLING, René. 1000 ejercicios y juegos de balonmano.. Barcelona: Hispano Europea, [s.d.].
- KOLYNIK FILHO, Carol. Educação física: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1996.
- KUNZ, Elenor. Transformação Didático-Pedagógica do Esporte.. Ijuí: Unijuí, 1994.
- _____. *Educação Física: ensino & mudanças*. Ijuí: Unijuí, 1991.
- LATISKEVITS, L. A. Balonmano. Barcelona: Paidotribo, [s.d.].
- LIBÂNEO, J. C. Didática.. São Paulo: Cortez, 1991.
- MARCELLINO, Nelson C. Pedagogia da animação.. Campinas: Papyrus, 1990.
- MARIOT, Jacques. Balonmano – de la escuela... a las asociaciones deportivas. Lérida: Deportiva Agonos, 1995.
- MARTINI, K. O handebol: técnica/tática/metodologia.. Lisboa: Publicações Europa-América, 1980.
- MECHIA, J. M. Handebol: da iniciação ao treinamento. Curitiba: Litel, 1981.

MEDEIROS, Mara. Didática e prática de ensino da educação física – para além de uma abordagem formal. Goiânia: Cegraf, 1998.

MONTANDON, Isabel (Org.). Educação Física e Esportes: nas escolas de 1º e 2º graus. Belo Horizonte: Villa Rica, 1992.

MOREIRA, W. WEY (Org.). Educação Física & Esportes - perspectivas para o século XXI. Campinas: Papirus, 1995.

PICCOLO, V. L. N. (Org.). Pedagogia dos esportes.. Campinas: Papirus, 1999.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Subsídios para a implementação do Guia Curricular de educação física – Handebol, São Paulo.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2002.

SOARES, Carmem. Imagem da Educação no Corpo. São Paulo: Autores Associados, 1998.

VINHAS, A. M. Handebol. Bagé: Edifunda, 1988.

ZAMBERLAN, Elói. Handebol – caderno técnico. Londrina: CEF/UUEL, 1997.

FUNDAMENTOS SÓCIO-CULTURAIS DAS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ementa: Conhecimento teórico-prático dos fundamentos técnicos e regras básicas das lutas, suas raízes históricas e suas diferentes manifestações culturais e esportivas, com ênfase nas lutas mais expressivas da cultura brasileira, objetivando o reconhecimento de suas características e o processo de ensino-aprendizagem escolar. Reflexão sobre pesquisas e práticas de ensino das lutas na escola.

Bibliografia Básica:

REIS, Letícia V. S. O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

SILVA, E. L. O Corpo na Capoeira, 1ª ed. Campinas – São Paulo: Unicamp, 2008.

SOARES, C. E. L. A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850), 2ª ed. Campinas – São Paulo: Unicamp, 2004.

Bibliografia Complementar:

ABIB, P. R. CAPOEIRA ANGOLA: CULTURA POPULAR E O JOGO DOS SABERES NA RODA, 1ª ed. Salvador: UFBA, 2006.

ADNET, Júlio. Judô. Luta dos fortes. Brasília: Printer, 1993.

ALMEIDA, R. C. A. A saga do Mestre Bimba. Salvador: Ginga Associação de Capoeira, 1994.

ALMEIDA, R. C. A. Bimba: perfil do mestre. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1982.

ARPIN, Louis. Livro de Judô de Pé. Rio de Janeiro: Record, 1970.

BRITO, Elto Pereira de. Fundamentos da Capoeira. 2. ed.. Goiânia: [s.n.], 1999.

BURLAMAQUI, A. Gymnastica nacional (capoeiragem): methodisada e regrada. Rio de Janeiro: o autor, 1928.

FRANCHINI, Emerson. Judô desempenho competitivo. São Paulo: Manole, 2001.

FRIGÉRIO, Alejandro. Capoeira: de arte negra a esporte branco. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 4, n. 10, p. 85-98, jun./1989.

MONTEIRO, Luciana Botelho. O treinador de judô no Brasil. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

ROBERT, Luis. O Judô. Lisboa: Notícias, 1968.

VERKOSCHANSKI, Y. V. *Preparação de força especial*: modalidades desportivas cíclicas. Adaptação de Paulo Roberto de Oliveira. Rio de Janeiro: Palestra, 1995.

VIEIRA, L. R. O jogo de capoeira: cultura popular no Brasil, 2ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

VIRGILIO, S. A arte do judô – golpes extras jokiô. Porto Alegre: Regel, 1990.

VIRGILIO, S. A arte do Judô. Campinas-SP: Papirus, 1986.

PESQUISA E ENSINO EM GINÁSTICA ESCOLAR

Ementa: Estudo das várias sistematizações da ginástica construídas historicamente no campo da Educação Física, em especial as introduzidas no Brasil, e o trato da ginástica nas propostas pedagógicas da Educação Física. O ensino da ginástica na escola, seus conteúdos, conceitos, objetivos e recursos didático-metodológicos. Atividades práticas envolvendo o conhecimento e as manifestações da ginástica, sua importância no processo ensino-aprendizagem e suas relações com as demais linguagens corporais expressivas.

Bibliografia Básica:

AYOUB, Eliana. Ginástica Geral e Educação Física escolar. Campinas: Unicamp, 2003.

BARROS, Daisy; NEDIALCOVA, Giurgia T. Os principais passos da Ginástica Rítmica. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1999.

BROCHADO, Fernando A. e BROCHADO, Mônica Maria V. Fundamentos de Ginástica Artística e de Trampolins. Coleção Educação Física no Ensino Superior. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

Bibliografia Complementar:

CARRASCO, Roland. Ginástica de Aparelhos: a atividade do principiante. Programas Pedagógicos. São Paulo: Manole, 1982.

_____. *Ginástica Olímpica*: Pedagogia dos Aparelhos. São Paulo: Manole, 1982.

LANGLADE, Alberto e LANGLADE, Nelly. Teoria geral de la Gimnasia. *Buenos Aires: Stadium, 1970.*

NUNOMURA, Myrian (Org.); NISTA-PICCOLO, V. L. (Org.) . Compreendendo a Ginástica Artística. 1. ed. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

PUBLIO, Nestor Soares. Evolução histórica na ginástica olímpica. São Paulo: Phorte, 2001.

SOARES, Carmem Lúcia. Educação Física: raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.

SOARES, Carmem Lúcia. Imagens da Educação no corpo. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOUZA, Elisabeth Paoliello M. Ginástica Geral: uma proposta para a Educação Física escolar e comunitária. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 21. n. 1, p. 233-238, set./1999.

PESQUISA E ENSINO EM DANÇA-EDUCAÇÃO

Ementa: Estudo dos aspectos conceituais, técnicos e estéticos da dança e de sua influência na Educação e na Cultura Brasileiras. Análise de métodos de ensino e pesquisas sobre a dança na Educação Básica. Estudo da linguagem expressiva desenvolvida pela dança, considerados como básicos e universalizantes pelas diferentes manifestações artísticas e culturais, e as possibilidades para a formação humana de crianças, jovens e adultos.

Bibliografia Básica:

KATZ, Helena. Brasil descobre a dança, a dança descobre o Brasil. São Paulo: DBA, 1999.

MARQUES, Isabel. Ensino de dança hoje: textos e contextos. São Paulo: Cortez, 1999.

VIANNA, Klaus. A dança. São Paulo: Siciliano, 1990.

Bibliografia Complementar:

ANDRADE, M. Danças dramáticas do Brasil. 3 v. São Paulo: Itatiaia, 1982.

ARANTES, A. A. O que é cultura popular. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOSI, A. Reflexões sobre a arte. São Paulo: Ática, 1991.

BOUCIER, P. História da dança no ocidente. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BRANDÃO, C. R. O que é folclore. São Paulo: Brasiliense, 1992.

FRADE, Cássia. Folclore. São Paulo: Global, 1997.

GARAUDY, R. Dançar a vida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

HANNA, Judith Lynne. Dança, Sexo e Gênero. [s.l.]: Rocco, 1999.

LACERDA, R. Folclore brasileiro. Rio de Janeiro: Funarte, 1977.

MENDES, M. G. A dança. São Paulo: Ática, 1985.

NAVAS, Cássia. Dança e Mundialização. São Paulo: Hucitec, 1998.

OSSONA, Paulina. A educação pela Dança. São Paulo: Summus, 1988.

PENSAR A PRÁTICA, v. 6. Dança. Goiânia: Cegraf, 2003.

PEREIRA, R. Lições de dança. 1 v. Rio de Janeiro: Universidade, 1999.

PEREIRA, R. Lições de dança. 2 v. Rio de Janeiro: Universidade, 2000.

PEREIRA, R. Lições de dança. 3 v. Rio de Janeiro: Universidade, 2002.

PEREIRA, R. Lições de dança. 4 v. Rio de Janeiro: Universidade, 2004.

PORTINARI, M. História da dança. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ROBATTO, L. Dança em processo, a linguagem do indivisível. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

SASPORTES, J. Pensar a dança: uma reflexão estética de Mallarmé a Cocteau. Lisboa: Imprensa Nacional-casa da moeda, 1983.

PESQUISA E ENSINO EM JOGOS E BRINCADEIRAS

Ementa: História, teorias, conceitos e classificações de jogo, brinquedo e brincadeira. Significados da recreação e da ludicidade da Educação Física na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Os jogos, os brinquedos e as brincadeiras como elementos constitutivos de uma pedagogia escolar. Análise de métodos de ensino e pesquisa sobre os jogos e as brincadeiras no contexto da Educação Básica.

Bibliografia Básica:

ÀRIES, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: LCT Editora, 2006.

BROUGÈRE, Gilles. Jogo e Educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ELKONIN, D. Psicologia do Jogo. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

Bibliografia Complementar:

ÀRIES, P. A história social da família e da criança. Rio de Janeiro/RJ: LTC, 1981.

BROTO, F. Jogos cooperativos. [s.l.:s.e.,s.d.]

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia de ensino da educação física. São Paulo, SP: Cortez, 1992.

FARIA, Ana Lúcia G.; DEMARTINI, Zeila de Brito F.; PRADO, Patrícia D. (orgs.). Por uma cultura da infância – metodologia da pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, 2002.

FREIRE, J. B. Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da educação física. 2. ed. São Paulo, SP: Scipione, 1991.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. Educando a infância brasileira. In: LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M. e VEIGA, Cynthia G. (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000, p. 469-496.

NUNES PINTO, R. Os professores e o corpo educado: o contexto da prática pedagógica. Goiânia, GO: FE-UFG, 2002 (dissertação de mestrado), cap. 2.

REVISTA MOTRIVIVÊNCIA. Jogos e brincadeiras na educação física. ano 7, n. 9, 1996.

SAYÃO, D. T. Educação Física na Educação Infantil: da especialização disciplinar à possibilidade do trabalho pedagógico integrado. Florianópolis, SC: CED/UFSC, 1996 (Dissertação de mestrado), cap. 2.
VALDEZ, D. História da infância em Goiás: séculos XVIII e XIX. Goiânia, GO: Alternativa, 2003.

PESQUISA E ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA

Ementa: Estudo introdutório das deficiências do ponto de vista histórico-social. Características das deficiências mais comuns presentes nos ambientes escolares. Aspectos teórico-metodológicos da Educação Física Adaptada e a inclusão escolar. Estudo crítico de problemáticas que envolvem Educação Física, inclusão e exclusão. Análise de métodos de ensino e pesquisa em Educação Física Adaptada.

Bibliografia Básica:

DALLA DÉA, V. H. S. e DUARTE, E. Síndrome de Down: Informações, caminhos e histórias de amor. São Paulo: Phorte, 2009.
RIBAS, J. B. A., O que são pessoas deficientes (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.
RODRIGUES, David. Atividade Motora Adaptada: a alegria do corpo. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

Bibliografia Complementar:

BAPTISTA, Claudio Roberto (Org.). Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas, 1ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.
BLASCOVI-ASSIS, S. M. Lazer e deficiência mental. Campinas: Papirus, 1997.
BOFF, Leonardo. Transcendência: capacidade de romper interditos. In: Tempo de Transcendência. Rio de Janeiro: Sextante, 2000, p. 29-39.
BRASIL. Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília/DF: CORDE, 1994.
BRASIL. Inclusão escolar: roupa nova em corpo velho. In: Revista Integração, n. 23, p. 43-48, MEC/Seesp, 2001.
BUENO, J. G. S. A produção social da identidade do anormal. In: FREITAS, Marcos C (Org.). História Social da Infância no Brasil. São Paulo/SP: Cortez/USF-IFAN, 1997, p. 159-181.
ECKERSLEY, Pâmela M. Elements of Paediatric Physiotherapy. New York: Churchill Livingstone, 1993.
FERREIRA, J. R. A nova LDB e as necessidades educativas especiais. In: Cadernos CEDES, v. 19, n. 46, Campinas, set./1998.
FREIRE, J. B. Educação de corpo inteiro. São Paulo: Scipione, 1991.
GÓES, Maria Cecília Rafael de; LAPLANE, Adriana Lia Frszman de. (Org.). Políticas e práticas de Educação Inclusiva, 1ª ed. Campinas – SP: Autores Associados, 2004.
GOLDSTEIN, S. Hiperatividade: como desenvolver a capacidade de atenção da criança. Campinas: Papirus, 1994.
JANUZZI, G. As políticas e os espaços para a criança excepcional. In: FREITAS, M. C. (Org.). História Social da Infância no Brasil. São Paulo, SP: Cortez/USF-IFAN, 1997, p. 183-223.
JUPP, K. Nosso mundo precisa de inclusão. In: Viver plenamente. Campinas: Papirus, 1998, p. 19-32.
LEBOYER, M. O autismo infantil: fatos e modelo. Campinas: Papirus, 1995.
MILLER, N. B. Ninguém é perfeito: vivendo e crescendo com crianças que têm necessidades especiais. Campinas: Papirus, 1995.
MOREIRA, W.W. Perspectiva da educação motora na escola. In: MARCO, A. (Org.). Pensando a educação motora. Campinas: Papirus, 1995. p. 95-103.
NUNES SOBRINHO, F. P. Delineamento de pesquisa experimental intra-sujeito. In: _____. (Org.). Pesquisa em educação especial. Bauru: EDUSC, 2001, p. 69-90.
OLIVEIRA, C. B. Políticas educacionais inclusivas para criança deficiente: concepções. Veiculações no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1978/1999. Campinas/SP: FEF/UNICAMP, 2003 (Dissertação de mestrado).
PUESCHEL, S. Síndrome de Down: guia para pais e educadores. Campinas: Papirus, 1993.
ROSADAS, S. C. et all. Prática pedagógica de educação física em portadores de deficiência mental *Anais 9 CONBRACE*, Vitória/ES, set./1995, p. 49.
ROSADAS, S. de C. Educação Física e prática pedagógica: portadores de deficiência mental. Vitória: UFES/CEFED, 1994.
SÁ, E. D. Lazer sem deficiência. Belo Horizonte: [s.n.], 1992, p. 4-8.
STAINBACK, S. & STAINBACK, W. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul, 1999, p. 21-34.
VAZ, Fernando. Sabor de vitória. São Paulo: Saraiva, 1996.
VYGOTSKY, L. S. Obras Completas. Fundamentos da Defectologia. Habana/Cuba: Pueblo y Educación, 1997. t. 5.

OFICINA EXPERIMENTAL

Ementa: Estudo e prática de intervenção e reflexão em diversos ambientes educacionais que tratam dos elementos da cultura corporal. Elaboração de projetos de pesquisa qualitativa, que apontem ações direcionadas para a superação dos problemas da prática pedagógica no campo da Educação Física.

Bibliografia Básica:

DEMO, Pedro. Conhecimento Moderno: sobre ética de intervenção do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

THIOLLEN, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Bibliografia Complementar:

BORGES, Cecília M. F. Professor de Educação física e a construção do saber. Campinas: Papirus, 1997.
_____. *Avaliação Qualitativa*. Campinas: Autores Associados, 1996.
DEMO, Pedro Educar pela pesquisa. Campinas: Autores Associados, 1996.
_____. *Êxitos e dubiedade da pesquisa-participante*. In: *Revista Motrivivência*. ano 7, n. 8, p. 55-79, dez./1995.
HERNANDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
KOPNIN, P. V. A dialética como lógica e teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1978.
REVISTA Pensar a Prática da Faculdade de Educação Física. Goiânia: UFG, 1998. ano 1.
SEVERINO, Antônio. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 1992.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO I

Ementa: Identificação e análise das teorias da didática e da organização do trabalho pedagógico; estudo investigativo de problemáticas significativas na organização geral da escola e da Educação Física – em especial, planejamento, gestão, projeto político-pedagógico e currículo, em estabelecimentos de Educação Básica da rede pública de ensino.

Bibliografia Básica:

GASPARIN, João Luiz. Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica, 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2005.
SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia, 39ª ed. Campinas: Autores Associados, 2005.
SAVIANI, Dermeval. História das idéias pedagógicas no Brasil, 2ª ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2008.

Bibliografia Complementar:

ANDRÉ, Marli E. D. A. Etnografia da Prática Escolar. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.
ARROYO, Miguel G. Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
DUARTE, Newton. Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar. *Caderno CEDES*: v.19, n.44, Abr/1998. Disponível em www.scielo.org
FRANCO, M. L. P. B. Análise de conteúdos. Brasília: Plano Editora, 2003.
FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
FREITAS, Luiz Carlos de. Ciclos, seriação e avaliação: confronto de lógicas, 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2003.
FREITAS, Luis Carlos de. Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática. Campinas, SP: Papirus, 1995.
LIBÂNEO, José Carlos. Perspectivas de uma pedagogia emancipadora face às transformações do mundo contemporâneo. In: *Pensar a Prática*, Goiânia, GO: UFG, v.1, n. 1 jan./jun. 1998.
LUDKE, Menga. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
PALAFOX, Gabriel M. *Núcleo de Estudo em planejamento e metodologias do ensino da cultura corporal NEPECC/UFU*. Uberlândia, 1996. Mimeo.
RODRIGUES, Anegleyce T. Didática e Prática de Ensino no contexto de formação de professores de educação física: a experiência da FEF/UFG. Goiânia, 2003. Mimeo.
SAVIANI, Demerval. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez, 1991.
_____. Educação Socialista, Pedagogia Histórico-Crítica e os Desafios da Sociedade de Classes. IN: *Marxismo e Educação: Debates Contemporâneos*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
SEVERINO, Antônio. Metodologia do Trabalho científico. São Paulo: Cortez, 1992.
THIOLLEN, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 7. ed. São Paulo: Cortez: 1996.
TONET, Ivo. Perspectiva. Florianópolis: v. 23, n02 p.469-484, jul/dez.2005.
TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
VASCONCELLOS, Celso dos S. Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 7. ed. São Paulo: Libertad, 2000.
VEIGA, Ilma Passos A. (Org.). Escola: espaço do projeto político-pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 1998.
VEIGA, Ilma Passos A. (Org.). Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção possível. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO II

Ementa: Estudo de proposições para o ensino da Educação Física, reconhecendo suas bases teórico-metodológicas e sua viabilidade e possibilidade de implementação em diversos ambientes educacionais. Planejamento e construção de proposta de ensino de Educação Física a ser implantada em escolas da rede pública de ensino; início da execução da proposta de ensino na escola-campo, envolvendo os aspectos descritos.

Bibliografia Básica:

FREITAS, Luis Carlos de. Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática. Campinas, SP: Papirus, 1995.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. 9ª ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SOUZA JUNIOR, Marcílio (org). *Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica*. Recife: EDUPE, 2005.

Bibliografia Complementar:

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia de Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

FRANCO, Luiz Antônio C. A disciplina na Escola. *Revista ANDES*, ano 5, n. 11, 1986.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GASPARIN, João Luiz. *Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica*. Campinas: Autores Associados, 2005.

KUNZ, Elenor (Org.). *Didática da Educação Física*. Ijuí, RS: Unijuí, 1998.

_____. *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.

LUCKESI, Cipriano C. *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. São Paulo: Cortez, 1994.

PALAFIX, Gabriel M. *Intervenção e Conhecimento na Educação Física Escolar: planejamento coletivo do trabalho pedagógico – PCTP*. Uberlândia: NEPECC/UFU, 2000. Mimeo.

_____. *Núcleo de Estudo em planejamento e metodologias do ensino da cultura corporal*. Uberlândia: NEPECC/UFU, 1996. Mimeo.

VASCONCELLOS, Celso dos S. *Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização*. 7. ed. São Paulo: Libertad, 2000.

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO III

Ementa: Execução das proposições para o ensino da Educação Física a partir do diagnóstico realizado, das bases teórico-metodológicas estudadas, de sua viabilidade e da possibilidade de sua implementação em ambientes educacionais da rede pública de ensino; apresentação do relatório da intervenção docente na escola-campo, evidenciando a compreensão da realidade escolar e as contribuições de todo o processo de investigação para a construção pessoal e coletiva da formação docente.

Bibliografia Básica:

LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; SANFELICE, José Luís. *Capitalismo, trabalho e educação*, 3ª ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2005.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica*, 10ª ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2008.

VASCONCELLOS, Celso dos S. *Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico*, 18ª ed. São Paulo: Libertad, 2008.

Bibliografia Complementar:

CARVALHO, J. M. de. *CIDADANIA NO BRASIL: O LONGO CAMINHO*, 10ª ed. São Paulo: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 2008.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia de Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

FREITAS, Luis Carlos de. *Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GASPARIN, João Luiz. *Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica*. Campinas, Autores Associados: 2002.

KUNZ, Elenor (Org.). *Didática da Educação Física*. Ijuí, RS: Unijuí, 1998.

KUNZ, Elenor. *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*. Ijuí, RS: Unijuí, 1994.

MINAYO, M. C. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*, 8ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro. HUNITEC/ABRASCO, 2004.

PALAFIX, Gabriel M. *Intervenção e Conhecimento na Educação Física Escolar: planejamento coletivo do trabalho pedagógico – PCTP*. Uberlândia: NEPECC/UFU, 2000. Mimeo.

_____. *Núcleo de Estudo em planejamento e metodologias do ensino da cultura corporal*. Uberlândia: NEPECC/UFU, 1996. Mimeo.

VASCONCELLOS, Celso dos S. *Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização*. 7. ed. São Paulo: Libertad, 2000.

METODOLOGIA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Ementa: Introdução ao pensamento histórico-filosófico relacionado à ciência. Origens do conhecimento, epistemologia e paradigmas científicos. Iniciação científica e formação do pesquisador. Elementos que compõem a lógica interna da pesquisa acadêmica. Procedimentos de estudo, coleta de dados e documentação. Interpretação textual, técnicas de análise e fichamento de temas. Escolha e delimitação de objeto de estudo. Elaboração de projetos de pesquisa, debates e seminários temáticos.

Bibliografia Básica:

GASKELL George & BAUER Martin W. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, 4ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2005.

MOLINA NETO, Vicente (Orgs.). *A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: UFRGS: Sulina, 1999.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*, 20ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

Bibliografia Complementar:

- CHEPTULIN, Alexandre. A dialética materialista: categorias e leis da dialética. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.
- DEMO, Pedro. Educação, cultura e política social. Porto Alegre: FEPLAN, 1980.
- _____. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- _____. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- HESSEN, Johannes. Teoria do conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HIRANO, Sedi (Org.). Pesquisa social: projeto e planejamento. São Paulo: T.A. Queiroz, [s.d.].
- JEANFLAFONE, Mônica Helena; MOROZ, MELANIA. O processo de pesquisa: iniciação. Plano, 2002 (sem nome de cidade).
- KOPNIN, Pavel V. A dialética como lógica e teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- MINAYO, Maria Cecília S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SÉRIE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, volumes 1, 2, 3, 4 e 5. Brasília: Plano, 2003.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987.
- VIANNA, Heraldo Marelim. Pesquisa em Educação – a observação. Brasília: Plano Editora, 2003.

NÚCLEOS TEMÁTICOS DE PESQUISA:

ESCOLA E SOCIEDADE

Ementa: Estudo de aprofundamento temático voltado para a reflexão crítico-investigativa acerca dos elementos que compõem historicamente a Educação Física, suas relações com os demais fenômenos educacionais, a escola, o currículo, as metodologias, a didática, os projetos pedagógicos, as práticas pedagógicas, a organização do trabalho pedagógico, a avaliação e a aprendizagem, as políticas educacionais, as teorias da Educação Física e a gestão escolar, entre outros. Produção teórica de um trabalho crítico-reflexivo para fins de conclusão de curso.

Bibliografia Básica:

- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia de Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.
- KUNZ, Elenor. Transformação Didático-Pedagógica do Esporte. Ijuí, RS: Unijuí, 1994.
- SACRISTAN, Jose Gimeno. A educação que é ainda possível: ensaios sobre a cultura para a educação. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Bibliografia Complementar:

- ANDRÉ, Marli E. D. A. Etnografia da Prática Escolar. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BORGES, Cecília M. F. Professor de Educação Física e a Construção do Saber. Campinas: Papirus, 1997.
- CHEPTULIN, Alexandre. A dialética materialista: categorias e leis da dialética. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.
- DEMO, Pedro. Educar pela Pesquisa. Campinas: Autores Associados, 1996.
- GASPARIN, João L. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. Campinas - SP: Autores Associados, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- KUNZ, Elenor (Org.). Didática da Educação Física. Ijuí, RS: Unijuí, 1998.
- MOLINA NETO, Vicente (Org.). A pesquisa qualitativa na Educação Física. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- MYNAIO, Maria Cecília. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro/São Paulo: ABRASCO –HUCITEC, 1992.
- SANTOME, Jurjo T. Culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). Alienígenas na sala de aula: introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- SILVA, Rossana Valéria de Souza. Pesquisa em educação física: determinações histórias e implicações metodológicas. 1997. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1997.
- SZYMANSKI, Heloisa (Org); ALMEIDA, Laurinda Ramalho; PRANDINI, Regina Célia A. Rego. A Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva [Série Pesquisa em Educação vol.4]. Brasília, Plano Editora, 2002.
- THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa -ação. São Paulo: Cortez, 1985.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 7. ed. São Paulo: Libertad, 2000.

SAÚDE E EDUCAÇÃO

Ementa: Estudo de aprofundamento temático voltado para a reflexão crítico-investigativa acerca da Educação Física, da Saúde e da Educação, privilegiando suas inter-relações com os processos de formação e desenvolvimento humano, através das manifestações da cultura corporal em diferentes ambientes educacionais. Análise das políticas sociais para a educação e a saúde. Produção teórica de um trabalho crítico-reflexivo para fins de conclusão de curso.

Bibliografia Básica:

- LUZ, M.T. Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais. São Paulo: Hucitec, 2003.

MENDES, M.I.B.S. Mens sana in corpore sano: saberes e práticas educativas sobre corpo e saúde. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MINAYO, M.C.S.; COIMBRA JR, C.E.A. Críticas e atuantes: ciências sociais e humanas em saúde na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

Bibliografia Complementar:

BARBANTI, Valdir J. Aptidão Física um convite à Saúde. São Paulo: Manole, 1990.

BARROS NETO, Turibio Leite de. Exercício, Saúde e Desempenho Físico. São Paulo: Atheneu, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. Atividade Física e Saúde: Orientações sobre Atividade Física e Saúde para Profissionais das Áreas de Educação e Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, Ministério da Educação e do Desporto, 1995.

BRASIL. Ministério da Saúde. Exercício e Saúde – Bases Biológicas do Exercício Físico para a Saúde. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Exercício Físico e Saúde – Bases Metodológicas do Exercício Físico para a Saúde. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Exercício Físico e Saúde – Exercício Físico na Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Exercício Físico e Saúde – Prática Saudável do Exercício Físico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996.

CHEPTULIN, Alexandre. A dialética materialista: categorias e leis da dialética. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

CUNHA, G.T. A construção da clínica ampliada na atenção básica, 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

DEMO, Pedro. Educação, cultura e política social. Porto Alegre: FEPLAN, 1980.

DEMO, Pedro. Participação é conquista: noções de política social participativa. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1988.

DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FARIA JÚNIOR, A. G. Exercício e Promoção a Saúde. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1991.

GUEDES, Dartagnan P.; GUEDES, Joana Elisabete Ribeiro P. Exercício Físico na Promoção da Saúde. Londrina: Midiograf, 1995.

KISS, M.A.P.D. Esporte e exercício: avaliação e prescrição. São Paulo: Roca, 2003.

LEITE, Paulo Fernando. Aptidão Física, Esporte e Saúde. Belo Horizonte: Santa Edwiges, 1985.

MINAYO, Maria Cecília S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

NAHAS, Markus Vinicius. Fundamentos da Aptidão Física Relacionada à Saúde. Florianópolis: UFSC, 1989.

NIEMAN, David C. Exercício e Saúde. São Paulo: Manole, 1999.

NUNES, Bernadete de Oliveira. O sentido do trabalho para merendeiras e serventes em situação de readaptação nas escolas públicas do Rio de Janeiro. Dissertação [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2000.

POLLOCK, M. L. e WILMORE, J. H. Exercícios na Saúde e na Doença. Rio de Janeiro: MEDSI, 1993.

ROEDER, Maika Arno. Atividade Física, saúde mental e qualidade de vida: atividade sensório-motora na prevenção, tratamento e reabilitação das pessoas com transtornos mentais e do comportamento. Rio de Janeiro: Shape, 2003.

SÉRIE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, volumes 1, 2, 3, 4 e 5. Brasília: Plano, 2003.

SHARKEY, Brian J. Condicionamento Físico e Saúde. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987.

TRIVIÑOS, Augusto N. S.; MOLINA NETO, Vicente (Orgs.). A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas. Porto Alegre: UFRGS: Sulina, 1999.

LAZER E EDUCAÇÃO

Ementa: Estudo de aprofundamento temático voltado para a reflexão crítico-investigativa acerca da Educação Física, do Lazer e da Educação, privilegiando suas inter-relações com os processos de formação e desenvolvimento humano através das manifestações da cultura corporal em diferentes ambientes educacionais. Análise das políticas sociais para a educação e o lazer. Produção teórica de um trabalho crítico-reflexivo para fins de conclusão de curso.

Bibliografia Básica:

DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução a pesquisa em Ciências sociais, 4ª ed. Atlas, 1995.

WAICHMAN, Pablo. Tempo livre e recreação. Campinas – SP: Papyrus, 1997.

Bibliografia Complementar:

CHEPTULIN, Alexandre. A dialética materialista: categorias e leis da dialética. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

DEMO, Pedro. Educação, cultura e política social. Porto Alegre: FEPLAN, 1980.

_____. *Participação é conquista*: noções de política social participativa. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1988.

_____. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

FRANÇA, Tereza et al. 25 anos do CBCE: trajetória do GTT Recreação/Lazer e perspectivas para a área de estudos do lazer no Brasil. Recife: Mimeo, 2003.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

HESSEN, Johannes. Teoria do conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HIRANO, Sedi (Org.). Pesquisa social: projeto e planejamento. São Paulo: T.A. Queiroz, s/d.

KOPNIN, Pavel V. A dialética como lógica e teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MARCASSA, Luciana. As faces do lazer: categorias necessárias à sua compreensão. Anais do XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Caxambu, 2003. [s/e].

MARCELLINO, Nelson C. Lazer e educação. 2. ed. Campinas: Papirus, 1990.

_____. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARCELLINO, Nelson C. (Org.) Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras. Campinas: Autores Associados, 1996.

MASCARENHAS, Fernando. Lazer como prática da liberdade. Goiânia: UFG, 2003.

MELO, Victor A.; ALVES JÚNIOR, Edmundo D. Introdução ao lazer. Barueri: Manole, 2003.

MINAYO, Maria Cecília S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. O prazer justificado: história e lazer. São Paulo, Marco Zero, 1994.

SÉRIE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, volumes 1, 2, 3, 4 e 5. Brasília: Plano, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987.

TRIVIÑOS, Augusto N. S.; MOLINA NETO, Vicente (Orgs.). A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas. Porto Alegre: UFRGS; Sulina, 1999.

WERNECK, Christianne L. G. Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: UFMG; CELAR, 2000.

ESPORTE E CULTURA

Ementa: Estudo de aprofundamento temático voltado para a reflexão crítico-investigativa acerca da Educação Física e do Esporte, e a Cultura privilegiando suas inter-relações com os processos de formação e desenvolvimento humano em diferentes ambientes educacionais. Avaliação e aprendizagem na pedagogia do esporte, no esporte educacional, na cultura esportiva escolar, e no esporte e na cultura. Análise das políticas sociais para o desenvolvimento do esporte na escola e no sistema educacional. Produção teórica de um trabalho crítico-reflexivo para fins de conclusão de curso.

Bibliografia Básica:

DEMO, Pedro. Educar pela Pesquisa. Campinas: Autores Associados, 1996.

KUNZ, Elenor (Org.). Didática da Educação Física. Ijuí, RS: Unijuí, 1998.

MOLINA NETO, Vicente (Org.). A pesquisa qualitativa na Educação Física. Porto Alegre: Sulina, 1999.

Bibliografia Complementar:

CHEPTULIN, Alexandre. A dialética materialista: categorias e leis da dialética. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

DAVID, Nivaldo A. N. Contribuições do método participativo para a capacitação de professores de Educação Física escolar. *Revista Pensar a Prática* da Faculdade de Educação Física/UFG. Goiânia: CEGRAF, 1998.

DEMO, Pedro. Avaliação qualitativa. Campinas: Autores Associados, 1996.

DEMO, Pedro. Educar pela Pesquisa. Campinas: Autores Associados, 1996.

DEMO, Pedro. Conhecimento Moderno: sobre ética de intervenção do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

HESSEN, Johannes. Teoria do Conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KOPNIN, P. V. A dialética como lógica e teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1978.

KUNZ, Elenor. Transformação Didático-Pedagógica do Esporte. Ijuí, RS: Unijuí, 1994.

MYNIAIO, Maria Cecília. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro/São Paulo: ABRASCO –HUCITEC, 1992.

PAIVA, Fernanda. Ciência e Poder Simbólico: no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Vitória, ES: CEDEF/UFES, 1994.

SBDEF. Pesquisa e produção do conhecimento em educação Física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1982.

SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, Rossana Valéria de Souza. Pesquisa em educação física: determinações histórias e implicações metodológicas. 1997. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1985.

THOMAS, J. & NELSON, M. Pesquisa em atividade física. São Paulo: Artmed, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987.

PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO E DE FORMAÇÃO DOCENTE

Ementa: Estudo do processo de pesquisa científica (produção, sistematização e apropriação do conhecimento) e sua relação com a prática docente. As contribuições do processo de geração do saber na organização do ensino e na aprendizagem educacional. A realidade como ponto de partida do fazer reflexivo, crítico e criativo na dinâmica da formação de professores.

Bibliografia Básica:

BORGES, Cecília. M.F. Professor de Educação Física e a Construção do Saber. Campinas: Papirus, 1997.
DEMO, Pedro. Educar pela Pesquisa. Campinas: Autores Associados, 1996.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1997.

Bibliografia Complementar:

BARBIER René. A pesquisa-Ação. [Série Pesquisa em Educação vol.3]. Brasília. Editora Plano, 2002.
DAVID, Nivaldo A N. Contribuições do método participativo para a capacitação de professores de Educação Física escolar. Revista Pensar a Prática, vol.1. Goiânia. Faculdade de Educação Física/UFG. CEGRAF, 1998.
DEMO. Pedro. Conhecimento Moderno: sobre ética de intervenção do conhecimento. Petrópolis/RJ. Vozes, 1997.
_____. *Avaliação qualitativa*. Campinas. Autores Associados, 1996.
_____. *Pesquisa – principio científico e educativo*. 7ª ed. São Paulo. Cortez, 1996.
DEMO. Pedro. Professor do Futuro e Reconstrução do Conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
FAZENDA, Ivani C. Arantes. Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa. Campinas, SP: Papirus: 1994.
GASKELL George & BAUER Martin W. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 4ª ed. Petrópolis/RJ. Vozes, 2005.
GIANFLAFONI Mônica Helena T.A; MOROZ Melania.O Processo de Pesquisa: iniciação [Série Pesquisa em Educ.vol.2].BRASÍLIA.Editora Plano. 2002.
KOPNIN, P.V. A dialética como lógica e teoria do conhecimento. Rio de Janeiro. Brasiliense, 1978.
NETO, Vicente Molina (org) A pesquisa qualitativa na Educação Física. Porto Alegre. Sulina, 1999.
SBDEF _Pesquisa e produção do conhecimento em educação Física. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico, 1982.
SILVA ROSSANA, V.S. Mestrado em Educação Física no Brasil: Pesquisando suas pesquisas. Santa Maria/RS. UFMS, 1990. (dissertação mestrado).
_____. *Pesquisa em Educação Física: determinações históricas e implicações epistemológicas*. Campinas. Unicamp. 1997.(tese de Doutorado).
SZYMANSKI Heloisa (Org); ALMEIDA Laurinda Ramalho; PRANDINI Regina Célia A. Rego. A Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva [Série Pesquisa em Educação vol.4]. Brasília. Editora Plano, 2002.
VIANA, Heraldo Marelím. Pesquisa em Educação – a observação [Série Pesquisa em Educação vol.5]. Brasília. Editora Plano, 2003.

LIBRAS

Ementa: Estudo sobre a realidade da educação de surdos e as políticas de inclusão e exclusão social e educacional no Brasil. Fundamentos básicos das línguas de sinais, priorizando a língua brasileira, suas influências culturais e regionais. Estudo da modalidade visual-espacial da Língua Brasileira de Sinais, da sua estrutura gramatical e dos parâmetros de formação dos sinais: configuração de mãos, ponto de articulação, movimentos, expressões facial/corporal, orientação/direção e suas convenções.

Bibliografia Básica:

SKLIAR, Carlos (Org). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
SKLIAR, Carlos. Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.
THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (Orgs). A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul – RS: EDUNISC, 2004.

Bibliografia Complementar:

ASSOCIAÇÃO DOS PROFISSIONAIS TRADUTORES/INTÉRPRETES DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS DE MATO GROSSO DO SUL – APILMS. Curso Básico de Libras: comunicando com as mãos. Disponível em http://vendovozes.googlepages.com/livro_libras.pdf, pesquisado em 28/08/2008.
FREMAN, Roger D, CARBIN, Crifton F, BOESE, Roberto J. Seu filho não escuta? Um guia para todos que lidam com crianças surdas. Brasília: MEC/SEESP, 1999.
GOLDFELD, Márcia. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.
MANUAL ALFABETO DE LIBRAS E DICIONÁRIO DE LIBRAS. Disponível em http://www.gras.kit.net/index_arquivos/alfabeto .
PERLIN, Gladis e MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. In Estudos Surdos – Ponto de Vista. Revista de Educação e Processos Inclusivos, nº 5, UFSC/NUP/CED, Florianópolis, 2003.
PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In C. SKLIAR (Org). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
PERLIN, Gladis. O lugar da cultura surda. In THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (Orgs). A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.
SÁ, Nádia Regina Limeira de. Cultura, poder e educação de surdos. Manaus: INEP, 2002.
_____. *A forma visual de entender o mundo*. In Educação para todos. Revista Especial, SEED/DEE. Curitiba: Editora Expediente, 1998-a.

_____. *A forma visual de entender o mundo*. In Educação para todos. Revista Especial. SEED/DEE. Curitiba: Editora Expediente, 1998-a.

SUTTON-SPENCE, Raquel. Narrativa e poesia da língua de sinais. Florianópolis: UFSC, 2005.

WIDELL, Joana. As fases históricas da cultura surda. Revista GELLES – Grupo de Estudos Sobre Linguagem, Educação e Surdez. nº 6 – ano 5. UFSC - Rio de Janeiro: Editora Babel, 1992.

9 DINÂMICA ORGANIZACIONAL DE ATIVIDADES PRESENCIAIS E A DISTÂNCIA

Para apontar a dinâmica das atividades a distância e presenciais, num curso de Licenciatura em Educação à Distância, é fundamental reconhecer a histórica valorização da dimensão prática no campo da Educação Física brasileira, ou seja, a importância atribuída ao saber fazer. Não obstante, o conhecimento que extrapola essa qualidade é, muitas vezes, desvalorizado. Como exemplo, podemos citar o conhecimento mediado pelas tecnologias de comunicação e informação, presentes em grande escala em outras áreas e pouco desenvolvidas na Educação Física e nos processos de ensino e aprendizagem de seus cursos de formação.

Observa-se que tal fato vem da sua herança histórica, cujo fundamento encontra-se no empirismo do saber fazer, da valorização da técnica, da tática, das habilidades físicas e morfológicas e, conseqüentemente, da formação do *homo-laber*.

Talvez aqui nos deparemos com um problema da especificidade desse campo de conhecimento, que tem nas práticas corporais a sua constituição de identidade. A formação de professores na modalidade de ensino à distância, portanto, mediada por tecnologias de comunicação e informação, não deve negar essa dimensão da formação docente, ou seja, a prática, e ao mesmo tempo deverá dialogar com a cultura sobre o corpo que vem assumindo outros contornos no ciberespaço. Esse desafio pode ser diagnosticado nas produções acadêmico-científicas da área, nos principais congressos deste campo do saber.

Nesse sentido, a Licenciatura em Educação Física na modalidade de ensino à distância procurará garantir, em suas atividades presenciais, a especificidade desta área de conhecimento, ou seja, nas atividades presenciais serão realizadas dinâmicas para o desenvolvimento dos conteúdos que envolvem as atividades práticas, seja nos laboratórios, seja ou na prática docente; além, é claro, das atividades avaliativas – dos alunos e do curso – obrigatórias nessa modalidade de ensino. Para tanto, será utilizada 30% da carga horária total do curso, no mínimo, para a efetivação desta dimensão, centrada nas disciplinas do núcleo específico. As atividades mencionadas serão realizadas no polo em dias predeterminados, preferencialmente no período noturno, em finais de semana e em períodos de férias escolares. Tais momentos constarão da agenda de cada semestre.

Portanto, a dinâmica desta proposta envolverá três momentos presenciais específicos:

- 1 - introdução ao semestre;
- 2 - atividades do núcleo específico; e
- 3 - atividades de encerramento e avaliação.

Esses momentos acontecerão no início, durante e ao final do semestre, respectivamente. Nas disciplinas de natureza teórico-prática o segundo momento poderá ser dividido em dois encontros presenciais, enquanto que nas disciplinas eminentemente teóricas poderão ser realizados apenas dois momentos presenciais: um introdutório e outro avaliativo. Os encontros presenciais serão realizados preferencialmente nos polos e, eventualmente na sede em Goiânia, nos finais de semana, com doze horas de duração, divididas entre as disciplinas programadas no período de realização de cada um.

9.1 Dinâmica de Atividades a Distância

Caberá aos Professores Formadores da Universidade Aberta do Brasil - UAB)/UFG a supervisão geral dos Orientadores Acadêmicos e dos Tutores Presenciais, utilizando-se do ambiente virtual. O atendimento estará organizado pela coordenação do curso, com sede na Faculdade de Educação Física, em Goiânia, com o apoio de uma Central de Informática e apoio pedagógico do CIAR/UFG – Centro Integrado de Aprendizagem em Rede, de modo a ser tanto coordenado, como descentralizado. O Ambiente Virtual de Aprendizagem dos cursos da UFG está na plataforma Moodle, que tem ferramentas que possibilitam o acompanhamento das entradas e participações dos seus usuários pela equipe de professores, como os relatórios no perfil de cada um, dentre outras ferramentas disponíveis para a realização das atividades. Mas destacamos que, na proposta pedagógica deste curso, a participação nas atividades a distância supera a ideia de tempo de permanência na Plataforma, devendo se levar em conta em que medida a realização das atividades propostas no ambiente virtual demonstra uma participação qualitativa por parte do aluno.

As ações do curso serão realizadas por uma equipe com as seguintes funções:

- **Coordenador do Curso:** coordena a execução do curso nos seus diferentes aspectos acadêmicos, organiza e acompanha o desenvolvimento das atividades globais do curso; é responsável pela articulação do projeto do curso em todos os setores da instituição; Tem como papel a gestão acadêmica e pedagógica do curso em todos os polos do mesmo. É responsável pelo acompanhamento dos professores formadores, pelas disciplinas e pelo curso em geral, elaborando o calendário do curso e os prazos a serem seguidos. Também é responsável pela documentação do curso, necessários para reconhecimento junto ao MEC. Perfil: Um professor do quadro efetivo da FEF/UFG, doutor ou mestre com experiência em Educação a Distância e disponibilidade para se locomover até os polos.
- **Coordenador de Tutores:** Professor da FEF/UFG responsável pela orientação, acompanhamento e controle dos orientadores acadêmicos e tutores de polo. São suas atribuições: acompanhar o planejamento e o desenvolvimento dos processos seletivos dos tutores, em conjunto com o coordenador do curso; participar das atividades de capacitação e atualização; acompanhar as atividades acadêmicas do curso; verificar “in loco” o bom andamento do curso; informar para o coordenador do curso qual a relação mensal de tutores aptos e inaptos para o recebimento de bolsas; acompanhar o planejamento e o desenvolvimento das atividades de seleção e capacitação dos professores envolvidos no programa; planejar e coordenar os encontros presenciais e *web* conferências; acompanhar e supervisionar as atividades dos tutores e professores formadores; e encaminhar à coordenação do curso o relatório semestral do desempenho da tutoria.
- **Secretário acadêmico:** Responsável pelas matrículas, pelos registros acadêmicos e documentação de alunos do curso.
- **Apoio Administrativo:** Responsável pelo serviço administrativo do curso, tais como: elaboração de planilhas, ofícios, memorandos, solicitações de serviço; arquivo de documentos de professores, cadastros, cópias, etc.
- **Professor Autor:** Responde pela produção do material didático do curso, planeja os conteúdos, ou parte dele, dependendo das especificidades de cada unidade temática. Organiza a seqüência didática do conteúdo e elabora propostas/sugestões de atividades para aprendizagem a serem trabalhadas nas disciplinas com a qual esteja responsável. Indica as questões orientadoras para a elaboração das provas da sua disciplina. Perfil: professor do quadro efetivo de IES, doutor ou mestre com experiência.
- **Professor Formador:** Professor do quadro da UFG responsável pela disciplina a ser oferecida. É ele quem assina pela disciplina, temática ou eixo com o qual está responsável,

ou seja, responsabilidades inerentes à atividade docente, com a responsabilidade pelo diário de classe e o seu encaminhamento para a Secretaria Acadêmica do Curso. Deve participar de todo o processo de formação dos estudantes na disciplina que é o responsável, inclusive em encontros presenciais realizados nos polos com os quais está vinculado. Ele é o responsável pelo acompanhamento dos conteúdos, atividades e avaliação da disciplina, junto aos orientadores acadêmicos e tutores de polo. Este acompanhamento envolve o aprendizado dos estudantes, estratégias de motivação e de construção de conhecimento, planejamento de avaliação e recuperação paralela, junto aos orientadores acadêmicos e tutores de polo; e é responsável pela formação continuada dos orientadores acadêmicos e tutores de polo. Este profissional deve se dedicar 20 horas semanais para acompanhamento e formação continuada dos orientadores acadêmicos e tutores, elaboração de atividades e plano de recuperação paralela para os estudantes. Além disso, cabe ao professor formador: participar dos cursos de formação promovidos pela coordenação do CIAR/UFG; conhecer a proposta do curso a ser ofertado; conhecer e analisar o material didático do curso; participar de reuniões específicas junto à coordenação de curso e do CIAR/UFG; cumprir cronograma definido pela coordenação do curso; e estabelecer critérios de avaliação discente com o apoio dos orientadores acadêmicos e tutores de polo.

- Coordenador de Estágio: professor da FEF/UFG responsável pela organização do campo de estágio, pela elaboração e controle dos documentos referentes a ele, inclusive o manual de Estágio, que deve apresentar as orientações básicas para a sua realização, de acordo com o RGCG - Regimento Geral de Cursos de Graduação da UFG e a Legislação Nacional de estágios. Cabem a ele também, a orientação, o acompanhamento processual e a avaliação do estágio em todos os Polos onde houver o curso, dentre elas as atividades desenvolvidas pelos professores formadores do estágio, que farão a supervisão do estágio, juntamente com ele, e pelos orientadores acadêmicos e tutores presenciais dessa disciplina, prestando todo o tipo de suporte técnico-operacional e teórico-metodológico necessário, visto que o estágio tem características próprias na relação professor-aluno, conforme a política de estágio descrita no item 12 desse projeto.
- Orientador Acadêmico (tutor a distância): Atende apenas uma disciplina/eixo do curso, sendo responsável por uma única turma. Sua atuação é acadêmica e articulada aos tutores de polo e professor formador, com suas funções ligadas diretamente às atividades de aprendizagem à distância e ao processo de avaliação. É o responsável pelas atividades de mediação do processo de ensino e aprendizagem e apoio acadêmico aos alunos, articuladas a atividades de acompanhamento do desempenho e efetiva aprendizagem do aluno. Também cabe ao Orientador Acadêmico (tutor a distância) à tomada de medidas de apoio e recuperação do aluno, articuladas a atividades de interação, motivação e encorajamento do estudante em seu caminho de aprendizagem. Para isso, deverá fazer o acompanhamento direto da realização das tarefas, atividades e exercícios junto aos tutores de polo e estudantes no ambiente virtual Moodle; com o preenchimento do registro acadêmico, no que se refere às atividades a distância, se responsabilizando pelo lado operacional da organização dos estudos, sendo ele quem altera/atualiza o calendário, agenda as atividades, levando em consideração as proposições do material didático da disciplina, no ambiente virtual Moodle e o planejamento da disciplina construído em conjunto com o professor formador e tutores de polo. As dúvidas de estudantes no que se refere ao conteúdo e às atividades da disciplina devem ser atendidas por este profissional. As atividades presenciais devem ser planejadas por este profissional em consonância com o professor formador e com os tutores de polo. As avaliações presenciais também têm a participação deste profissional, junto aos professores formadores e tutores de polo (presenciais). Este profissional deve participar continuamente de processo de formação continuada.

Perfil: professor de educação física com vínculo na educação básica e/ou educação superior.

- **Tutor Presencial:** Professor de Educação Física com a responsabilidade de plantonista, duas ou três vezes por semana, em horários definidos (20 h semanais), esclarecendo dúvidas dos alunos, a partir das orientações dos orientadores acadêmicos e professores formadores, dando suporte teórico-prático, e auxiliando nos aspectos acadêmico-administrativos e tecnológicos, de acordo com as normas gerais da FEF/UFG e do CIAR/UFG para a tutoria. Esse trabalho envolve o acompanhamento dos relatórios de participação dos alunos na plataforma, para que a comunicação com aqueles que têm poucos acessos seja estreitada, verificando as razões para a baixa participação, e estimulando todos a participarem ativamente do processo de ensino-aprendizagem.

9.2 Dinâmica das Atividades Presenciais

A proposta pedagógica do curso prevê encontros presenciais para apresentação de conteúdos, atividades práticas nos laboratórios didático-pedagógicos, prática de docência, atividades para avaliação dos alunos, entre outras que se fizerem necessárias. Tendo em vista que a oferta do curso ocorrerá em diferentes polos e que a realidade de cada região é singular, optou-se pela descentralização dessas ações, reconhecendo que a relação entre o polo e a UFG deve ser o fundamento para a elaboração e a execução de tais atividades, sempre tendo como referência o cronograma estabelecido no projeto pedagógico geral. Como já apontado anteriormente, os momentos presenciais serão utilizados para o desenvolvimento de atividades de laboratório e campo, bem como para avaliações. Corresponderão a 30% da carga horária do curso e serão realizados no polo em dias pré-determinados, em finais de semana e em períodos de férias escolares. Esses momentos constarão da agenda de cada semestre letivo.

Nos estágios a serem realizados nas escolas-campo a dinâmica será diferente, visto que os alunos deverão fazer intervenções pedagógicas nessas escolas acompanhadas por tutores presenciais e supervisores de estágio, conforme a política de estágio do curso e a Legislação vigente. O estágio será orientado e acompanhado por uma equipe composta por um coordenador, por professores formadores, orientadores acadêmicos, tutores de polo e supervisores das escolas-campo.

10 ATRIBUIÇÕES E RELAÇÕES DE TRABALHO

1 – Atribuições do Coordenador do Curso

- Responsável pelas articulações entre os setores específicos da EAD/UFG e a coordenação da UAB. Transita pelos diversos tipos de atividades do sistema geral.

2 – Atribuições do Coordenador de Tutores

- acompanhar o planejamento e o desenvolvimento dos processos seletivos dos tutores, em conjunto com o coordenador do curso;
- participar das atividades de capacitação e atualização; acompanhar as atividades acadêmicas do curso;
- verificar “in loco” o bom andamento do curso;
- informar para o coordenador do curso qual a relação mensal de tutores aptos e inaptos para o recebimento de bolsas;
- acompanhar o planejamento e o desenvolvimento das atividades de seleção e capacitação dos professores envolvidos no programa;
- planejar e coordenar os encontros presenciais e *web* conferências;
- acompanhar e supervisionar as atividades dos tutores e professores formadores;
- encaminhar à coordenação do curso o relatório semestral do desempenho da tutoria; e
- Manter os dados do curso atualizados no SISUAB.

3 - *Atribuições dos Professores Autores UAB/UFG:*

- Elaborar o plano de curso da disciplina, prevendo a construção e a utilização de mídias de EAD (ambiente virtual, materiais didáticos, vídeos, simulações, etc.) e procedimentos didáticos aplicados à EAD;
- Construir sua disciplina produzindo o material didático-pedagógico impresso;
- Revisar o material a ser impresso depois de finalizado pela equipe do CIAR/UFG;
- Indicar as diretrizes para a elaboração das avaliações da sua disciplina.

4 - *Atribuições dos Professores Formadores UAB/UFG:*

- Organizar e colocar os conteúdos da disciplina na página do curso, selecionar os materiais didáticos para o curso em articulação com equipes de produção;
- Elaborar as avaliações, assessorado pelos Orientadores Acadêmicos, de acordo com as diretrizes apontadas pelo Professor Autor da disciplina;
- Prestar contas mensalmente ao coordenador de curso acerca do andamento das atividades;
- Garantir a aplicação pelos Orientadores Acadêmicos do plano proposto;
- Acompanhar o desenvolvimento do curso em seus aspectos teórico-metodológicos e operacionais;
- Participar da formação dos Orientadores Acadêmicos segundo o Projeto Pedagógico, minimizando, assim, as disparidades na condução da ementa da disciplina e do currículo do curso;
- Monitorar e acompanhando o trabalho dos Orientadores Acadêmicos e Tutores de Polo.

Os professores Formadores UAB/UFG, em conjunto com os Orientadores Acadêmicos e com os Tutores de Polo, comporão o colegiado do curso na UFG.

Dedicação: 20 horas semanais.

5 - *Atribuições do Orientador Acadêmico (Tutor a distância):*

Deve ter qualificação e experiência em área de conhecimento compatível com a disciplina em oferta e deve ser professor, na ativa ou aposentado, da rede pública (federal, estadual ou municipal). Cada Orientador Acadêmico será responsável por uma disciplina/módulo, atendendo os alunos da turma que é responsável. A carga horária de dedicação será de 20 horas semanais.

São suas atribuições:

- Acompanhar o desenvolvimento teórico-metodológico do curso;
- Desenvolver instrumentos de avaliação, juntamente com o professor formador;
- Aplicar as aulas práticas e as avaliações;
- Corrigir e dar retorno aos alunos sobre as avaliações à distância;
- Auxiliar Tutores de Polo em suas dúvidas;
- Atender e ajudar alunos nas questões teórico-metodológicas do curso.

6 - *Atribuições do Tutor de polo (presencial):*

Deve ser professor de Educação Física da rede de ensino, com competência acadêmica comprovada. Deve estar situado no polo, para o qual deverá ter disponibilidade de 20 h, sendo 12 horas, em dois ou três períodos semanais, para atendimento de alunos (1 tutor para cada 25 alunos) em plantões de dúvidas, grupos de estudo, contatos telefônicos, etc.

São suas atribuições:

- Ser responsável pelos alunos do curso no polo;

- Auxiliar os alunos a resolverem as dúvidas com relação à utilização dos recursos tecnológicos requeridos e utilizados nas disciplinas em desenvolvimento;
- Esclarecer as dúvidas dos conteúdos específicos de cada disciplina em desenvolvimento;
- Participar das atividades presenciais das disciplinas em andamento.

11 POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVA (FORMAÇÃO DOS PROFESSORES-AUTORES, PROFESSORES FORMADORES, ORIENTADORES ACADÊMICOS, TUTORES PRESENCIAIS E PESSOAL DE APOIO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO)

A Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás prossegue sua experiência de expansão de vagas mantendo os princípios do projeto já consolidados no ensino presencial e as necessidades instituídas pelas demandas sociais regionais, buscando, agora, introduzir a modalidade de ensino à distância para a qualificação de profissionais docentes em Educação Física.

Na atualidade, com a expansão da educação a distância no Brasil e as políticas do Ministério da Educação englobando a EAD, tais como o Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB, é cada vez mais urgente a formação de profissionais da educação com habilidades para atuar como orientadores do processo de construção de conhecimentos nesta modalidade de ensino, buscando garantir uma prática pedagógica integrada, voltada para uma formação de qualidade.

Neste sentido, urge preparar sujeitos que ajam com competência dentro de situações vivenciais e em contextos sócio-culturais nos quais realiza a sua vida coletiva. Construir projetos de formação para a docência profissional, tão necessários à educação, pressupõe, portanto, formar homens e mulheres capazes de intervir na realidade a partir de parâmetros que forneçam condições para tanto, especialmente se forem mediados pela reflexão crítica sobre a estrutura, a organização e o funcionamento do ensino na sociedade, tendo sempre em vista a alteração do perfil humano dos professores e dos educandos. Para isso, torna-se necessário uma preparação rigorosa dos atores desse processo, dentre eles os professores formadores, orientadores acadêmicos e tutores que farão a mediação dos conhecimentos no curso.

Na modalidade de ensino a distância, assumiremos uma postura educativa diferenciada do ensino presencial no que se refere aos instrumentos de comunicação e informação, não obstante a inclusão dos mesmos também no ensino presencial. Nesse processo de ensino aprendizagem, que busca a superação dos limites espaciais e temporais na interação e comunicação com os alunos, é imprescindível um espaço de formação continuada para os professores que atuarão na formação em Educação Física, bem como para a equipe de apoio técnico-administrativo. Com essa compreensão, a Faculdade de Educação Física da UFG, juntamente com o CIAR/UFG - Centro Integrado de Aprendizagem em Rede promoverá cursos de formação em Educação em Rede para professores formadores, orientadores acadêmicos, tutores de polo e equipe técnico-administrativa. Paralelamente às atividades do curso de Licenciatura em Educação Física, será desenvolvido um processo de orientação e acompanhamento desses atores, visando a otimização das ações, com conteúdos relativos ao domínio das TIC e dos conteúdos identificadores da área. Por outro lado, toda a equipe da educação a distância da FEF/UFG será estimulada a fazer cursos que contribuam para a instrumentalização no uso das TIC e que promovam uma reflexão crítica acerca do processo educacional.

12 RECURSOS DIDÁTICOS E FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO

Material impresso: Para facilitar os estudos em cada semestre, será produzido um “Guia para o aluno”, contendo as orientações gerais das atividades presenciais e à distância, as orientações da avaliação e as disciplinas e aspectos dos seus conteúdos a serem desenvolvidos naquele semestre. Também, de acordo com a necessidade de cada disciplina serão produzidos e enviados aos alunos textos impressos e portfólios específicos.

Ambiente de aprendizagem à distância: A centralidade da Educação será mediada pelo ambiente de aprendizagem à distância Moodle, com acesso livre definido na Política de Educação à Distância (EAD) da UFG. Esse ambiente dispõe de recursos e ferramentas necessários ao desenvolvimento do curso, e permitirá que cada professor-aluno interaja com os colegas na realização de atividades colaborativas e docentes, e que mantenha, também, o registro regular de suas atividades no diário de registro de seu aprendizado: descobertas que realizou, experiências colaborativas e interdisciplinares que vivenciou durante o curso, etc. Outra importante característica do ambiente de aprendizagem está relacionada com a possibilidade de fazer com que o professor-aluno, ao longo do curso, possa criar um produto em suporte ou meio de comunicação não exclusivamente textual, como, por exemplo, animação, simulação ou hipertexto.

CD-ROM: Como desdobramento do projeto, todo o material produzido no ambiente de aprendizagem será gravado em CD-ROM, como apoio e, também, como forma de facilitar o acesso ao material para estudo quando houver, por exemplo, problemas com o acesso à rede mundial de computadores.

Vídeos educativos: Serão produzidos vídeos pedagógicos das disciplinas do núcleo específico para a visualização dos aspectos técnicos, táticos e estéticos dos seus respectivos conteúdos, bem como documentários tematizando os diferentes assuntos abordados nas disciplinas do curso. Cópias destes vídeos deverão ser disponibilizadas para os alunos do curso e para os Polos. Além dos vídeos produzidos pela equipe do CIAR, os professores também utilizarão no curso outras produções já existentes.

Para o desenvolvimento das atividades presenciais, em especial para a implementação da Licenciatura de Educação Física a Distância, será necessário ampliar o laboratório de informática da Faculdade de Educação Física, bem como criar espaços para os encontros presenciais nos polos – estruturas de apoio descentralizadas – estabelecidos, conforme as necessidades das atividades desenvolvidas entre os polos e a universidade.

Nesse sentido, cada polo deverá ser composto pelos seguintes laboratórios:

Laboratório de tecnologia: O laboratório de tecnologia deverá ter, no mínimo, 15 computadores com gravadores de DVD e CD, conexão com a rede mundial de computadores, câmera de vídeo digital, câmera de fotografia digital, 1 projetor multimídia e *scanner*.

Espaço físico para atividades de Educação Física: Serão utilizados espaços físicos, tais como: ginásios e quadras polivalentes, salas multiuso, parques, campos e áreas livres, pertencentes às instituições públicas e privadas de ensino e às instituições parceiras. Caso o polo não disponha desses espaços, o mantenedor deverá providenciar convênios ou aluguéis para que as atividades do curso previstas para serem desenvolvidas neles sejam realizadas a contento.

Além desses espaços próprios para a prática da Educação Física, serão utilizados ambientes para a realização de reuniões e palestras. Esses espaços deverão ter 1 projetor multimídia, tela de apresentação e 1 computador. Os polos, por sua vez, deverão contar com laboratórios multimídia, que, de forma geral, deverão possuir: retroprojetor, sistema de som, televisão, videocassete, aparelho de DVD, antena parabólica, computadores ligados à Internet, impressoras, fotocopiadoras, etc.

Os laboratórios para a realização das atividades presenciais a serem criados, ou existentes, de um modo geral, deverão possuir infra-estrutura física e equipamentos básicos em número suficiente para o atendimento da demanda do referido curso. As mesmas providências a serem tomadas nos casos de ausência de espaços esportivos deverão ser tomadas também em relação à ausência de Laboratórios de Atividade Física e Saúde. Caso a cidade polo não disponha de Laboratórios Específicos para o curso, o mantenedor deverá providenciar o transporte para os alunos se deslocarem até a sede do curso, Goiânia, para realizarem as atividades previstas para eles nos laboratórios da UFG.

Bibliotecas: Parte do acervo estará disponível nos polos e no ambiente digital de aprendizagem para uso dos professores-alunos e todos os envolvidos no processo. Cada polo deverá dispor de uma Biblioteca, a ser composta tanto por produção local quanto nacional. Haverá, também, farta referência a materiais disponíveis na Internet e em órgãos públicos locais, regionais e nacionais.

Dessa forma, todos os polos deverão possuir acervos atualizados e adequados ao atendimento, nas diferentes linguagens da Educação Física e em áreas correlatas e complementares, importantes para o processo de aprendizagem dos professores-alunos. Os acervos serão constituídos de livros, periódicos, dissertações e teses, obras raras, fotografias, além de outros materiais, como disquetes, DVDs, CDs, mapas, *slides*, etc.

12.1 Laboratórios Pedagógicos

1 - *Laboratório de práticas esportivas:* É um ambiente dedicado às práticas específicas da área esportiva, de jogos e brincadeiras direcionados à realização de vivências, projetos de pesquisa, produção de textos e avaliações de ensino deste núcleo de conhecimento.

Infra-estrutura básica:

- uma piscina pedagógica (tamanho mínimo: 25x12 metros);
- um ginásio poliesportivo (instalações adequadas para a realização das modalidades esportivas definidas no projeto curricular);
- um campo de futebol;
- uma mini-pista de atletismo (com os equipamentos básicos para a prática que atenda aos interesses pedagógicos das provas de corrida, corrida de revezamento e saltos à distância e em altura, salto triplo e com vara);
- uma pista para arremesso (dardo, disco e peso);
- uma caixa de areia (para salto em distância).

Equipamentos gínico-esportivos:

- dardos oficiais - cinco masculinos e cinco femininos;
- bastões de madeira;
- 4 tacos de saída oficiais;
- 6 pesos – 3 masculinos e 3 femininos;
- 6 discos – 3 masculinos e 3 femininos;
- barreiras de 1,10m (medida oficial);
- uma trena de 30 m;
- uma vara de acrílico oficial;
- 5 cronômetros digitais;
- 10 bolas de voleibol;
- 10 bolas de futsal;

- 10 bolas de basquetebol;
- 10 bolas de handebol (7 feminino e 3 masculino);
- 50 pranchas de isopor;
- 25 flutuadores;
- 20 arcos de Ginástica Rítmica;
- 20 arcos comuns;
- 30 bastões;
- 20 maçãs de Ginástica Rítmica em material sintético;
- 20 fitas de Ginástica Rítmica;
- 20 bolas de Ginástica Rítmica;
- 60 bolas de borrachas nº 8, 10 e 12 (vinte de cada);
- 10 cones grandes;
- 10 cones médios;
- Fitas plásticas para demarcação de quadras de voleibol, handebol e futebol;
- 02 redes de voleibol;
- 02 dois colchões gordos de espuma;
- 20 colchonetes de espuma, 2m x 1m x 10cm;
- 20 colchões do tipo Sarneige;
- 20 colchões de ginástica;
- 01 plinto de sete gavetas,
- 01 trampolim de ginástica;
- 01 banco sueco, de equilíbrio;
- 01 cinturão acrobático;
- 20 cordas de Ginástica Rítmica.

2 - *Laboratório de linguagem e expressão*: É um ambiente voltado para as vivências, o desenvolvimento de projetos de pesquisa e produtos visuais, e avaliação dos conhecimentos relacionados à dança, ginástica, linguagem expressiva, aprendizagem de ritmos e movimentos, e práticas das lutas.

Infra-estrutura básica:

- Uma sala (tamanho mínimo: 9x9m) com espelho em uma das paredes, barras em duas alturas e piso preferencialmente de madeira.

Equipamentos:

- Um aparelho de som;
- Uma TV de 29 polegadas;
- Um aparelho de CD/DVD player;
- Vídeos e CDs;
- Datashow;
- Câmera filmadora digital.

3 - *Laboratório de atividade física e saúde*: É um ambiente voltado para a avaliação física, a biomecânica do movimento, as pesquisas em saúde e os projetos relacionados à atividade física e suas inter-relações com grupos sociais.

Instalações:

- Uma sala (tamanho mínimo: 9x9m) com divisórias para três ambientes.

Equipamentos:

- Um atlas de anatomia;
- Um armário de aço com 5 gavetas;
- 3 mesas, com 4 cadeiras cada;
- Uma mesa de reuniões (5m de comprimento), com 10 cadeiras;
- Uma bicicleta ergométrica;
- Balança;
- Estadiômetro;
- Adipômetro;
- Fita métrica;
- Um esteira ergométrica;
- Esfignomanômetro;
- Estetoscópio;
- Ventilômetro;
- Software para ventilômetro;
- Quadro postural;
- Monitor de frequência cardíaca;
- Aglomerado de musculação;
- Esqueleto de luxo sobre apoio de cinco pés de rodinha;
- Crânio clássico (três peças);
- Estruturas ósseas do crânio – 6 peças – BONElike™ - Crânio;
- Esqueleto completo desarticulado;
- Junta funcional do ombro;
- Junta funcional do quadril;
- Junta funcional do joelho, coluna;
- Junta funcional do cotovelo;
- Articulação do ombro com mangas de rotores, cinco peças;
- Articulação do quadril, sete peças;
- Articulação do cotovelo, oito peças;
- Modelo de esqueleto da mão com ligamentos e túnel do carpo;
- Modelo de esqueleto do pé com ligamentos;
- BONElike™, coluna vertebral;
- Suporte multifuncional para colunas, três peças;
- Atlas e áxis com lâmina occipital, montado em base removível;
- Coluna vertebral cervical;
- Coluna vertebral torácica;
- Coluna vertebral lombar;
- Coluna vertebral lombar com discos intervertebrais prolapsos;
- Braços em versão de luxo com a musculatura, seis peças;
- Pernas com músculos destacáveis, nove partes;
- Figura muscular com sexo dual, 45 partes;
- Modelo de coração, 4 partes;
- Modelo de cérebro, 6 partes;
- Modelo de sistema respiratório;
- Modelo de sistema digestório;
- Sistema urogenital masculino;
- Sistema urogenital feminino.

13 A POLÍTICA E GESTÃO DO ESTÁGIO

13.1 Estágio Curricular Obrigatório

O estágio curricular obrigatório se configura como um espaço formativo e de preparação dos estudantes para o atendimento das necessidades humanas e sociais, preservando os valores éticos na escola, e buscando a compreensão da realidade profissional à luz dos aportes teóricos estudados. Visa favorecer a reflexão sobre a realidade, a aquisição da autonomia intelectual e o desenvolvimento de habilidades relativas à profissão docente. Trata-se, portanto, de um componente curricular de caráter teórico-prático, cuja especificidade é proporcionar o contato efetivo do aluno com a escola-campo - *locus* do exercício profissional, envolvendo experiências em gestão, organização, planejamento, intervenção pedagógica, pesquisa e exercício da docência. O estágio curricular obrigatório será organizado e realizado atendendo as exigências da Lei 11.788/2008.

O estágio curricular obrigatório terá carga horária própria de 400 horas e será oferecido a partir do 5º semestre letivo, não podendo ser computadas as horas destinadas às dimensões pedagógicas das demais disciplinas do curso. Será desenvolvido em forma de disciplinas pertencentes ao núcleo específico, mediante atividades de caráter eminentemente pedagógico, devendo ser cumprido em instituições públicas do sistema educacional básico, abrangendo a Educação Infantil e os Ensinos Fundamental e Médio, podendo incluir também a educação de jovens e adultos, as comunidades indígenas e os portadores de necessidades especiais. Em casos excepcionais, o estágio curricular supervisionado poderá ocorrer em instituições de caráter privado, de interesse público e sem fins lucrativos.

Cabe observar que o parágrafo único do artigo 1º da Resolução CNE/CP 02 de 19 de fevereiro de 2002, que institui a duração e carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena e de formação de professores de Educação Básica em nível superior, aponta para a possibilidade da redução de até 200 horas da carga horária prevista para a integralização do Estágio Curricular Obrigatório, quando o aluno atua na docência em Educação Física no âmbito da Educação Básica. No entanto, cabe ressaltar que, para a aprovação da referida redução de carga horária, o aluno deverá apresentar os documentos previstos no "Manual de Estágio Curricular Supervisionado". Neste caso, a carga horária aceita para aproveitamento será deduzida nos diferentes estágios, não dispensando o aluno de nenhuma fase específica: Estágio Curricular Obrigatório I, Estágio Curricular Obrigatório II ou Estágio Curricular Obrigatório III. Somente o aluno do estágio que for professor do quadro fixo das referidas instituições de ensino básico poderá se beneficiar desta redução.

A relação da Faculdade de Educação Física (FEF) da UFG com as Instituições de Ensino do Polo onde se realizarão os estágios se fará pela institucionalização de convênios e outros instrumentos, mediados pela UFG, que permitam oficializar o compromisso entre os campos de intervenção no sistema educacional, obedecendo à legislação em vigor. O estágio não cria vínculo de qualquer natureza com o aluno, sendo exigida pela Lei 11.788/2008 a celebração de termo de compromisso entre o educando, a parte concedente do estágio e a instituição de ensino e a compatibilidade entre as atividades desenvolvidas no estágio e aquelas previstas no termo de compromisso.

Sendo assim, para o atendimento da proposta de parceria entre a escola e a universidade, a contrapartida da FEF/UFG será de caráter pedagógico, visando à aproximação entre os profissionais da escola concedente e a produção acadêmica desenvolvida na universidade por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Gestão do estágio curricular obrigatório:

O estágio curricular obrigatório será acompanhado processualmente pelo Coordenador de Estágios da FEF/EAD/UFG e pelos Professores Formadores UAB/UFG cabendo a eles: participar de encontros presenciais, quando necessário, e auxiliar os Orientadores Acadêmicos e tutores presenciais, que atuarão nos Polos, prestando todo o tipo de suporte (teórico-metodológico, técnico e operacional) necessário. Os Orientadores Acadêmicos acompanharão o desenvolvimento das atividades de estágio e da frequência dos alunos na escola-campo e na plataforma *Moodle*, por meio do recebimento e da correção das atividades cotidianas e avaliativas, enviadas pelos tutores presenciais, submetendo-as à análise dos professores formadores. O professor da escola, preceptor dos alunos/estagiários, terá uma função de tutor regente, acompanhando as intervenções desses alunos e participando das reuniões da equipe responsável pelo estágio.

A escola-campo, por meio do convênio firmado, estabelecerá o número de turmas e os horários para o desenvolvimento das atividades de estágio. Cada turma será atendida por 2 estagiários, quando do período de docência. O número de alunos estagiários por Professor Mediador Presencial (orientador acadêmico) não poderá ultrapassar 15 alunos.

As atividades do estágio podem ser divididas em quatro etapas, que se realizarão ao longo do ano letivo:

- Apreensão da realidade da escola-campo – objetiva a compreensão, a descrição e a análise do cotidiano escolar;
- Elaboração do projeto de ensino e pesquisa – a partir da problematização das situações vivenciadas, definir o tema do projeto de ensino e pesquisa. A elaboração do projeto implica preparação teórica, em especial a respeito de conhecimentos básicos de pesquisa, com o objetivo de que o aluno desenvolva uma atitude investigativa;
- Desenvolvimento do projeto de ensino e pesquisa – execução da proposta de ensino na escola-campo, envolvendo os aspectos descritos;
- Relatório final de estágio – apresentação da intervenção docente na escola-campo que evidencie a compreensão da realidade escolar e as contribuições de todo o processo de investigação para a construção pessoal e coletiva da formação docente. O resultado das atividades do estágio deverá ser objeto de debate com os professores da escola-campo.

Além das atividades na escola-campo, os alunos terão que entrar no Sistema on-line para participar das atividades programadas na Plataforma do curso, de acordo com a programação feita pelos professores formadores do estágio e orientadores acadêmicos a ser divulgada na abertura da disciplina.

Avaliação:

No processo de formação de professores a avaliação será contínua e considerará tanto o processo quanto os produtos elaborados pelos alunos. Segundo Freitas (1995), as categorias objetivo/avaliação devem ser tratadas como par dialético e pensadas de forma integrada ao outro par que também se faz presente na organização do trabalho pedagógico, qual seja, método/conteúdo. Neste sentido, apresentamos, abaixo, o objetivo geral da disciplina Estágio Curricular Obrigatório, e em seguida apresentamos a relação dos objetivos e sua articulação com os instrumentos avaliativos que serão utilizados.

Objetivo geral:

Identificar e compreender a Organização do Trabalho Pedagógico (OTP) da escola e da disciplina educação física, propiciando a intervenção investigativa, relacionando-a com possibilidades de novas formas de ação.

Objetivos específicos:

1. Oportunizar conhecimentos que permitam associar a prática da Educação Física a aspectos sócio-político-culturais;
O processo avaliativo proposto considerará os seguintes instrumentos: prova escrita individual aplicada no Polo durante Encontro Presencial e trabalhos individuais e/ou pequenos grupos, que serão postados no ambiente virtual;
2. Vivenciar etapas do trabalho de pesquisa científica no âmbito da OTP da escola e da educação física.
O instrumento utilizado para avaliar este objetivo é a realização da Pesquisa Educacional sobre OTP da Escola e da Educação Física. O produto será postado no ambiente virtual e apresentado em Encontro Presencial;
3. Possibilitar o exercício da ação – reflexão – nova ação, tentando compreender:
 - As relações entre o professor, a escola, o aluno, o conhecimento e a realidade social;
 - Os problemas da escola no que se refere á OTP da escola e da disciplina de Educação Física;
 - Definição e conceituação de Projeto Político-Pedagógico da escola;
 - As necessidades e as estratégias de planejamento;
 - Os princípios éticos necessários ao trabalho coletivo;
 - O referencial teórico-metodológico adotado;
 - A justificativa do ensino da Educação Física na escola;
 - Os objetivos da educação física na escola;
 - Os princípios metodológicos privilegiados;
 - Os critérios de seleção de conteúdos;
 - Concepção e práticas de avaliação.

Para a avaliação deste objetivo específico serão utilizados os seguintes instrumentos/procedimentos:

1. exigidos Planejamento e elaboração do plano de ensino/seqüenciador de aulas, sendo que este deverá conter objetivo geral e específico, procedimentos metodológicos, conteúdos e, critérios e formas de avaliação;
2. Frequência, assiduidade, reelaboração do sequenciador de aulas, e realização/avaliação das aulas no campo de estágio;
3. Confecção do relatório final contendo: a) sistematização da reflexão sobre a experiência e leituras realizadas; b) avaliação dos objetivos da disciplina de Estágio Supervisionado;
4. Pasta avaliativa (Portfólio) – contendo toda a produção do grupo durante a disciplina Estágio Supervisionado: análise do Projeto Político-Pedagógico, relatório da pesquisa sobre OTP da escola, diagnóstico da turma, sequenciadores de aulas, relatório final e anexos (encadernado em capa dura na cor verde escuro);
5. Organização do Seminário Final de avaliação da intervenção pedagógica no campo de estágio e apresentação de Pôster.

Caberá ao orientador acadêmico de cada grupo de alunos-estagiários fazer a orientação, o acompanhamento e o controle dos instrumentos deste objetivo, recebendo os documentos.

13.2 Estágio Curricular não Obrigatório

O estágio curricular não obrigatório, assim como o estágio curricular obrigatório, visa favorecer a reflexão sobre a realidade, a aquisição da autonomia intelectual e o desenvolvimento de habilidades relativas à profissão docente. O seu caráter teórico-prático tem como especificidade proporcionar o contato efetivo do aluno com os diferentes campos de intervenção - *lócus* do exercício profissional, envolvendo experiências em gestão, organização, planejamento, intervenção pedagógica, pesquisa e exercício da docência. O estágio curricular não obrigatório é considerado

um espaço educativo, “desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória” do curso (Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, Art. 2º, § 2º). Ele poderá ser realizado apenas em instituições que desenvolvem atividades afins com o curso de Educação Física, conveniadas com a UFG, não criando vínculo empregatício de qualquer natureza.

Deverão ser observados os seguintes requisitos:

- o aluno/estagiário deverá estar matriculado no curso, com frequência regular e celebrar um termo de compromisso com a parte concedente do estágio e a UFG;
- o estágio deverá ser acompanhado por um supervisor da parte concedente e por um orientador acadêmico do curso vinculado à coordenação de estágio da FEF/UFG, sendo que cada orientador acadêmico ficará responsável por, no máximo, 10 alunos/estagiários;
- as atividades a serem realizadas no estágio deverão ser compatíveis com aquelas previstas no termo de compromisso;
- o aluno/estagiário deverá apresentar um plano de trabalho e relatórios periódicos com vistos dos responsáveis pelo seu acompanhamento;
- o estágio curricular não obrigatório só poderá ser realizado a partir da integralização de cinquenta por cento do currículo em atividades que tenham sido alvo de estudos nas disciplinas já estudadas pelo aluno no curso, tendo em vista que “visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular” (§2º, do Artigo 1º, da Lei nº 11.788/2008);
- a carga-horária semanal do estágio não poderá ser superior a vinte horas, devendo conciliar com as atividades curriculares do curso. Caso seja ocorra algum tipo de prejuízo para as atividades acadêmicas o estágio será suspenso.

Assim como o estágio curricular obrigatório, o estágio curricular não obrigatório também se configura como um espaço formativo e de preparação dos estudantes para o atendimento das necessidades humanas e sociais, preservando os valores éticos no campo de intervenção, e buscando a compreensão da realidade profissional à luz dos aportes teóricos estudados, sendo regulamentado pelas normas de estágio da UFG, pela Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes e pela Orientação Normativa nº 7, de 30 de outubro de 2008, que estabelece orientação sobre a aceitação de estagiários no âmbito da Administração Pública federal direta, autárquica e fundacional.

14 PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR – PPC

As Diretrizes Curriculares Nacionais dão liberdade para as atividades caracterizadas como práticas pedagógicas curriculares sejam evidenciadas nos PPC dos cursos, desenvolvidas como núcleo ou como parte de disciplinas ou de outras atividades formativas. A carga horária deste curso destinada à Prática como Componente Curricular, 400 horas, será desenvolvida no contexto das disciplinas que pressupõem a possibilidade da intervenção pedagógica, conforme indicado na Matriz Curricular do curso, não ficando reduzida a um espaço isolado, nem se confundindo com as intervenções pedagógicas do estágio curricular. A PCC é abrangente e se configura enquanto uma prática em que se produz algo no âmbito do ensino, e deve estar presente desde o início do curso, inserida no contexto das disciplinas de aplicação profissional, da forma que está explicitado nas ementas dessas disciplinas. O conjunto de atividades formativas que correspondem à Prática como Componente Curricular se constitui no processo de ensino e aprendizagem das disciplinas que possibilitam experimentar e aplicar os conhecimentos e habilidades em situações didáticas, proporcionando o desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência.

Nessa perspectiva, este Projeto Pedagógico prevê situações didáticas em que os futuros professores terão condições de colocar em uso os conhecimentos que aprenderem no contexto das disciplinas, ao mesmo tempo em que será possível mobilizar outros, de diferentes naturezas e

oriundos de diferentes experiências, em diferentes tempos e espaços curriculares. Portanto, a prática pedagógica é o conjunto de atividades formativas que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência. Por meio destas atividades, são colocados em uso, no âmbito de experiências simuladas ou não de ensino, os conhecimentos, as competências e as habilidades adquiridas nas diversas atividades formativas que compõem o currículo do curso.

15 ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Atividades complementares devem ser compreendidas como um conjunto de possibilidades acadêmicas que, sob a forma de atividades poderão ser escolhidas e desenvolvidas pelos alunos durante o percurso da formação superior. As atividades complementares devem possibilitar o aproveitamento de atividades, habilidades, conhecimentos, competências, estudos e práticas independentes dos alunos, realizadas sob formas distintas como: programas de iniciação científica, seminários, simpósios, congressos, conferências, colóquios, cursos, programas de extensão, projetos de estudos complementares e outras atividades científicas artísticas e culturais, realizadas dentro ou fora da Universidade, totalizando um mínimo de 200 horas (de acordo com a Resolução 07 CNE/CES, de 31 de março de 2004; Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002; e RGCG/UFG).

- As atividades complementares podem ser desenvolvidas no ambiente acadêmico ou fora deste, especialmente em meios científicos e profissionais e no mundo do trabalho.
- As atividades complementares não se confundem com o estágio curricular obrigatório.
- Os mecanismos e critérios para avaliação e aproveitamento das atividades complementares devem estar definidos em regulamento próprio da instituição.

Todas as atividades complementares deverão ser chanceladas pela coordenação do curso, conforme a Resolução N° 01 – FEF/UFG, de 13 de outubro de 2011, que revoga a n° 06/92 DEF/CEFD e institui as novas normas para as 200 horas de atividades acadêmico-científico-culturais (disponível na Coordenação do Curso).

16 AVALIAÇÃO

16.1 Avaliação da Aprendizagem

A avaliação deve ter como finalidades: orientar a organização do trabalho pedagógico de acordo com os princípios e objetivos estabelecidos pelo projeto político-pedagógico e possibilitar a reflexão do currículo em ação, assim como favorecer a autonomia dos futuros professores em relação ao seu processo de aprendizagem no que se refere à qualificação científica, cultural, ético-política e didático-pedagógica de profissionais em condições de iniciar a carreira.

Nesse sentido, a avaliação da aprendizagem será processual e baseada em atividades individuais e colaborativas, previstas semestralmente. As atividades produzidas serão acompanhadas e avaliadas pelos Orientadores Acadêmicos com apoio dos Professores Formadores UAB/UFG, que identificando eventuais dificuldades na aprendizagem procurarão saná-las ainda durante o processo de ensino aprendizagem. Além disso, em cada semestre serão avaliadas as participações em atividades realizadas nos laboratórios presenciais. As avaliações presenciais serão realizadas por uma equipe de Orientadores Acadêmicos, pelos Tutores Presenciais e pelos Professores Formadores. Os momentos de aprendizagem podem ser

diferentemente valorados no processo de avaliação, dependendo dos objetivos. No final de cada disciplina dos 100% da notas acumulada pelo aluno em cada disciplina, as avaliações presenciais terão um peso correspondente a 60% (do total da nota final acumulada) e as demais avaliações on-line terão 40% do peso da nota total (Decreto nº 5.622/2005). Para que o aluno seja aprovado na disciplina ele terá que obter pelo menos 50% do valor total da nota final, conforme o RGCG/UFG.

Para integralização curricular, exigir-se-á do aluno a opção por uma área de aprofundamento temático, com a elaboração de uma produção científica monográfica atendendo às normas da FEF/UFG, e a comprovação da participação de 200 horas de atividades complementares.

- 1) As normas específicas para verificação da aprendizagem, da frequência nos encontros presenciais e do aproveitamento de disciplinas, bem como as normas para a realização de atividades avaliativas à distância e presenciais, deverão obedecer às normas do Regulamento Geral de Cursos (RGCG) da UFG, que define que o aluno deverá ter 75% de frequência nas atividades acadêmicas presenciais e 75% de participação nas atividades não presenciais. O percentual de participação nas atividades não presenciais será mensurado considerando a realização das atividades propostas em cada disciplina, de acordo com as indicações do professor responsável por ela, e não ao tempo que o aluno ficou conectado ao AVA. O armazenamento e gerenciamento de dados do curso serão feitos no SAG – Sistema Acadêmico de Graduação, que é o sistema informatizado da UFG, destinado à gestão acadêmica: registro dos alunos, matrículas, lançamento e divulgação das notas, etc.
- 2) A coordenação do curso apresentará aos alunos que não conseguirem aprovação em uma ou mais disciplinas uma proposta de repercurso para que eles tenham a chance de recuperar seus estudos com um atendimento especial do professor formador das disciplinas em que foi reprovado, de acordo com o RGCG – Regulamento Geral de Cursos de Graduação da UFG. Como não há entradas contínuas no curso, em cada ano, não haverá trancamentos e, de acordo com o RGCG da UFG, também não estão previstas transferências de curso (RGCG/UFG).

Trabalho Final de Conclusão de Curso

Além da comprovação da participação de 200 horas de atividades complementares, para a integralização curricular, exigir-se-á do aluno a opção por uma área de aprofundamento temático, com a elaboração de uma produção científica monográfica, sendo orientado por um professor vinculado ao curso. A forma, o conteúdo e a exposição pública do Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) são regulamentados pela Coordenação de curso, por meio de resolução interna específica, anexa.

16.2 Sistema de Avaliação do Projeto do Curso

A avaliação institucional do curso de Licenciatura em Educação Física na modalidade de ensino à distância será executada pela FEF/UFG e compreende o programa de cada disciplina (suficiência da carga horária, clareza na descrição de objetivos do programa, compatibilidade dos objetivos com a ementa, entre outros), o desempenho do professor (domínio do conteúdo programático, adequação das atividades com o alcance da aprendizagem, integração entre teoria e aspectos da realidade, entre outros), a auto-avaliação e a satisfação com a execução da disciplina (qualidade do material didático, do ambiente de aprendizagem e condições de trabalho entre outros).

A equipe de acompanhamento e a coordenação procederão a um monitoramento sistemático e permanente dos cursos, de forma a atender as referências indicadas no próprio Projeto Político-Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física na modalidade de ensino à distância. Para isso, desenvolverá e aplicará instrumentos de avaliação no polo e utilizará um sistema informatizado de monitoramento e avaliação das atividades, de forma a viabilizar o acompanhamento ágil e minucioso de todas as etapas do processo e garantir a eficiência em sua avaliação e a rapidez nas intervenções que se fizerem necessária. Para controle, tanto interno quanto externo, da qualidade do trabalho, serão realizados diagnósticos, ao início do curso e de cada semestre, que avaliem: o conhecimento sobre os conteúdos, a capacidade de expressão escrita e de compreensão de texto e o domínio do conhecimento.

17 A INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

A integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão deve ser considerada como o princípio nuclear da matriz curricular e o eixo orientador das ações docentes e discentes, tanto no planejamento do trabalho pedagógico da graduação, da extensão e da pós-graduação, como nos projetos de pesquisa e extensão construídos pelos grupos e núcleos de estudo, e nos eventos científicos e culturais promovidos pela comunidade acadêmica.

Articular ensino e pesquisa na graduação significa desenvolver no aluno uma atitude permanente de investigação científica, seja no cotidiano das atividades nos ambientes colaborativos de ensino à distância, ou nas atividades presenciais nos laboratórios de ensino, ou seja, em projetos específicos, de modo que a produção de conhecimentos se torne um instrumento contínuo de aprimoramento da graduação.

Articular ensino e extensão na graduação significa disseminar o conhecimento produzido e veiculado na Universidade para o meio social onde ela se insere e, ao mesmo tempo, fazer da extensão um instrumento de avaliação da própria graduação e da pesquisa.

A graduação deve estimular e fomentar a pesquisa junto ao corpo discente com o objetivo de contribuir para a formação de jovens pesquisadores e professores-pesquisadores, e de ampliar o quadro de pesquisadores da própria área acadêmica.

18 PROFESSORES DA UAB-UFG VINCULADOS À FEF/UFG E SUAS RESPECTIVAS TITULAÇÕES

1. Aline da Silva Nicolino - Doutora;
2. Ana de Pellegrin - Doutora;
3. Ana Márcia Silva – Doutora;
4. Ana Paula Salles da Silva – Mestre;
5. Anegleyce Teodoro Rodrigues – Doutora;
6. Ari Lazzarotti Filho – Doutorando;
7. Carlos Alexandre Vieira – Mestre;
8. Cleber Augusto Gonçalves Dias – Mestre;
9. Eduardo Henrique Rosa Santos - Doutor;
10. Eduardo Santos - Doutor;
11. Elisa Abrão – Mestre;
12. Fernanda Grazielle - Doutora;
13. Flórence Rosana Faganello Gemente – Mestre;

14. Francisco Luiz de Marchi Netto – Mestre;
15. Heitor de Andrade Rodrigues - Mestre;
16. Hugo Leonardo Fonseca da Silva - Mestre;
17. Humberto Inácio de Deus - Doutor;
18. Jaciara Oliveira Leite - Mestre;
19. Jéssica Felix Nicácio Martinez - Mestre;
20. José Luiz Cirqueira Falcão - Doutor;
21. José Pedro Oliveira Alvarenga – Doutorando;
22. Juliana Alves Carneiro - Mestre;
23. Juracy da Silva Guimarães – Doutorando;
24. Marcel Farias de Sousa – Mestre;
25. Marcus Fraga Vieira – Doutor;
26. Maria Sebastiana Silva – Doutora;
27. Marília de Goyaz – Mestre;
28. Mário Hebling Campos - Doutor;
29. Marlini Dorneles De Lima - Mestre;
30. Nilva Pessoa de Souza – Doutora;
31. Nivaldo Antonio Nogueira David – Doutorando;
32. Priscila de César Antunes – Mestre;
33. Renata de Lima Silva – Mestre;
34. Ricardo Lira de Rezende Neves - Mestre;
35. Roberto Pereira Furtado - Mestre;
36. Rúbia-Mar Nunes Pinto – Doutora;
37. Sérgio de Almeida Moura - Mestre;
38. Sissília Vilarinho Neto - Mestre;
39. Tadeu João Ribeiro Baptista – Doutor;
40. Vanessa Helena S. Dalla Dea – Doutora;
41. Vicente Paulo Batista Dalla Déa - Mestre;
42. Wilson Luiz Lino de Sousa – Doutorando.

19 REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR-SINDICATO NACIONAL – ANDES-SN. Posição sobre a versão preliminar da proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em curso de nível superior. Brasília, 2001.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL PELA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO – ANFOPE. Contribuições para subsidiar as discussões da audiência pública do CNE sobre a proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em curso de nível superior. Brasília, 2001.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO – ANPAE. Documento apresentado em audiência pública no CNE sobre as diretrizes curriculares nacionais em 21 de março. Goiânia, 2001.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPED. Parecer sobre a proposta de diretrizes curriculares para a formação de professores para atuar na educação básica, elaborada pelo CNE. Goiânia, 2001.

_____. Parecer sobre a proposta de diretrizes curriculares para a formação inicial de professores da educação básica, elaborada pelo CNE. Brasília, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Ensino Superior (CES). *Parecer nº 776, de 3 de dezembro de 1997*. Define orientações sobre as diretrizes curriculares dos cursos de graduação. Brasília, 1997.

_____. Lei nº 9394, de 23 de dezembro de 1996. Institui as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

_____. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Brasília, 2008.

_____. *Parecer n. 583, de 4 de abril de 2001*. Dá orientações para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação. Brasília, 2001.

_____. *Parecer nº 100, de 13 de março de 2002*. Projeto de Resolução que institui parâmetros para a definição de cargas horárias dos cursos de graduação. Brasília, 2002.

_____. Conselho Pleno. *Parecer nº 9, de 8 de maio de 2001*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial de professores da educação básica em nível superior. Brasília, 2001.

_____. *Parecer nº 21, de 6 de agosto de 2001*. Dispõe sobre a carga horária dos cursos de formação de professores da educação básica, em nível superior, graduação plena. Brasília, 2001.

_____. *Parecer nº 27, de 2 de outubro de 2001*. Dá nova redação ao item 3.6. alínea c do Parecer 9/CNE, que dispõe sobre as diretrizes curriculares nacionais. Brasília, 2001.

_____. *Parecer nº 28, de 2 de outubro de 2001*. Dá nova redação ao Parecer CNE 21/2001 que estabelece a carga horária do curso de formação de professores da educação básica licenciatura plena. Brasília, 2001.

_____. *Resolução nº 1, de 1º de fevereiro de 2002*. Institui as diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, graduação plena. Brasília, 2002.

_____. *Resolução nº 2, de 19 de fevereiro de 2002*. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da educação básica em nível superior. Brasília, 2002.

BRASIL. MEC/CNE. *Parecer nº 138/CNE*. Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Educação Física. Brasília, 2002.

BRASIL. SECRETARIA DE RECURSOS HUMANOS. *Orientação Normativa nº 7, de 30 de outubro de 2008*. Estabelece orientação sobre a aceitação de estagiários no âmbito da Administração Pública federal direta, autárquica e fundacional. Brasília, 2008.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE - CBCE. Documento apresentado na audiência pública sobre as Diretrizes Curriculares do CNE no dia de abril. Brasília, 2001.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO - CNTE. Análise da versão preliminar elaborada pelo CNE da proposta de diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial de professores da educação básica em nível superior. Brasília, 2001.

FREITAS, Luis Carlos de. *Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

• • •